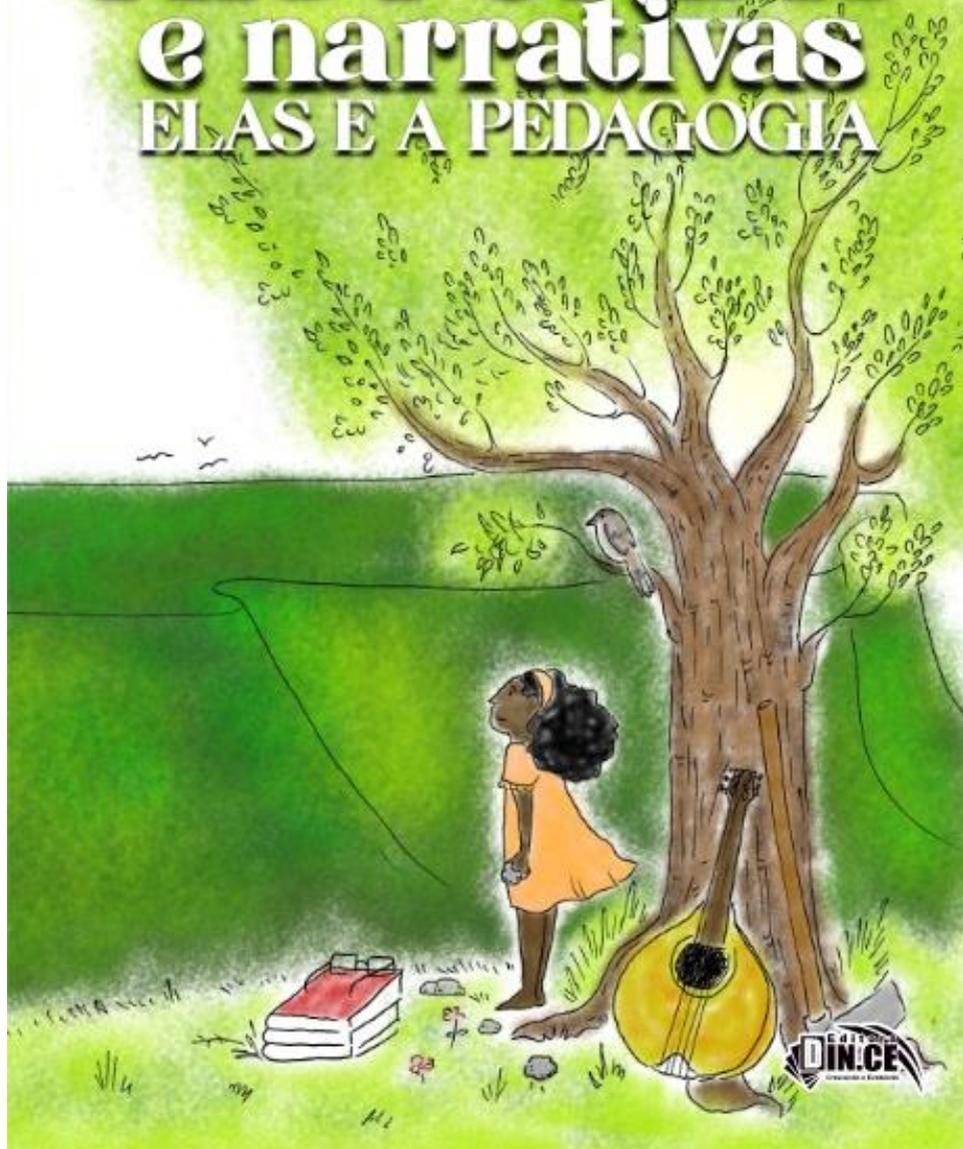


Francisco Raniel Alves Rodrigues . Maria Dulceineia da Silva
(Organizadores)

HISTÓRIAS e narrativas ELAS E A PEDAGOGIA



DIN.CE
Diversidade e Inclusão

Francisco Raniel Alves Rodrigues
Maria Dulcineia da Silva Loureiro
(Organizadores)

HISTÓRIAS E NARRATIVAS ELAS E A PEDAGOGIA


Fortaleza-CE
2024

© Copyright 2024 - Todos os direitos reservados.

FICHA TÉCNICA:

Editor-chefe: Vanques de Melo

Diagramação: Vanques Emanuel

Capa: João Alves de Queiroz Neto

Produção Editorial: Editora DINCE

Revisão: Erisvelton Araujo da Silva

CONSELHO EDITORIAL:

Dr. Felipe Lima Gomes (Mestre e doutor pela UFC) Prof. e Ma. Karine

Moreira Gomes Sales (Mestra pela UECE)

Francisco Odécio Sales (Mestre pela UECE)Ma. Roberta Araújo Formighieri

Dr. Francisco Dirceu Barro Prof. Raimundo Carneiro LeiteEduardo Porto

Soares; Alice Maria Pinto SoaresProf. Valdecil Cunha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

RODRIGUES, Francisco Raniel Alves; LOUREIRO, Maria Dulcinea da Silva
(Organizadores)

HISTÓRIAS E NARRATIVAS ELAS E A PEDAGOGIA

Editora DINCE 2024. 116p

ISBN: 978-85-7872-680-5

DOI: 10.56089/978-85-7872-680-5

1. Literatura 2. Histórias 3. Narrativas

Todos os direitos reservados. Não é legalmente permitido reproduzir, duplicar ou transmitir qualquer parte deste documento em meios eletrônicos ou impressos. A gravação desta publicação é estritamente proibida.

NOTA DA EDITORA

As informações e opiniões apresentadas nesta obra são de **AUTORIA EXCLUSIVADOS AUTORES** e de sua inteira responsabilidade.

A DIN.CE se responsabiliza apenas pelos vícios do produto no que se refere à sua edição, considerando a impressão e apresentação. Vícios de atualização, opiniões, revisão, citações, referências ou textos compilados são de responsabilidade de seu(s) idealizador (es).

Impresso no Brasil

Impressão gráfica:

DIN.CE CENTRAL DE ATENDIMENTO:

Tel.: (85) 3231.6298 / 9.8632.4802 (WhatsApp)

Av. 2, 644, Itaperi / Parque Dois Irmãos – Fortaleza/CE

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado de importantes apoios, primeiramente agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Maria Dulcineia da Silva Loureiro, por ter acreditado e construído esse projeto comigo.

As Narradoras Ana Alice de Lima Teodosio, Antônia Eugenia de Oliveira, Cícera Cosmo de Souza, Francisca Sandra de Sousa, Joice Maria de Sousa, Luana Ricarto da Costa, Veridiane Rosa da Silva que gentilmente aceitaram serem autoras desse livro.

Ao corpo docente do Mestrado Profissional de Educação da URCA e do Curso de Pedagogia- URCA.

A professora Profa. Dra. Inambê Sales Fontenele que gentilmente aceitou fazer o prefácio desse projeto.

A minha esposa que sempre me apoiou nesse e em tantos outros projetos.

A vocês minha imensa gratidão.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....7

Francisca Sandra de Sousa

NA TRILHA DA PEDAGOGIA..... 13

Veridiane Rosa da Silva

**A COLETIVIDADE NA MINHA TRAJETÓRIA
EDUCACIONAL..... 23**

Joice Maria de Souza Ferreira

**ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS QUE PERCORRI,
AINDA CABE SONHAR! A HISTÓRIA DE UMA
PEDAGOGA..... 38**

Cicera Cosmo de Souza

ELA TEIMOU E ENFRENTOU O MUNDO 46

Luana Ricarto da Costa

**RETALHOS E MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA
NEGRA E CAMPONESA FORMADA EM
PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA..... 57**

Ana Alice de Lima Teodósio

PEDAGOGIA: SONHOS E REALIDADES.77

Antonia Eugenia de Oliveira

MEMÓRIAS DE UMA PEDAGOGA.....87

Francisco Raniel Alves Rodrigues

UM HOMEM CUJO FEMININO PREVALECE99

AUTORES 109

ORGANIZADORES 113

ELEMENTOS DA CAPA 115

PREFÁCIO

A leitura deste livro “Histórias e Narrativas, Elas e a Pedagogia” torna-se preciosa por nos proporcionar momentos de encontros, os mais variados encontros, inicialmente com Elas: Ana Alice de Lima Teodosio; Antônia Eugenia de Oliveira; Cícera Cosmo de Souza; Francisca Sandra de Sousa; Joice Maria de Sousa; Luana Ricarto da Costa; Veridiane Rosa da Silva. As sete mulheres que generosamente partilharam as suas histórias de vidas, e em comum, suas experiências no curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, objeto da pesquisa do mestrado profissional em educação que viabilizou a existência desta obra.

Narrativas somadas com a do autor, Francisco Raniel Alves Rodrigues, proporcionando encontros com as memórias, segundo Benjamin (1992, p.43-44) “*a memória é a mais épica de todas as faculdades. [...] a musa da narrativa*” e neste livro, encontram-se permeadas por territórios geográficos, familiares, profissionais, relacionais e, em comum, afetivos que influenciaram suas perspectivas, sonhos, lutas, dificuldades, conquistas e escolhas de vidas. Nas quais, apresentam o curso de Pedagogia da – URCA, por outros ângulos, contextos particulares advindos das suas experiências na graduação.

As significações do curso de Pedagogia, no qual também fui aluna no período de 2001 – 2004 e posteriormente professora substituta entre 2006 – 2009, me fizeram recordar o escritor José

Saramago¹, quando diz, “*é que para conhecer as coisas há que dar-lhes a volta, dar-lhes a volta toda*”, ao perceber em determinada situação que estava em uma posição/local que o favoreceu observar, como nunca antes, um objeto do seu cotidiano, compreendeu que havia aprendido uma grande lição, aprendera que não pode conhecer as coisas sem dar-lhes a volta, a volta toda. E é exatamente este aprendizado que adquiri ao ler este livro, a experiência/movimento de poder dar a volta toda no curso de Pedagogia, me emocionando e comprovando o quanto esta política pública de educação superior transborda suas proposições institucionais.

Nesta ótica, reconheço na escolha metodológica do autor uma sensibilidade muito assertiva, a meu ver, enquanto educadora e pesquisadora, extremamente necessária as pesquisas acadêmicas, na qual relaciono aos estudos do Canclini (2005, p.133) quando escreve, “*em vez de autor monológico, autoritário*”, único responsável pelas significações e interpretações ao apresentar o curso em questão, nos proporcionou uma “*polifonia, a autoria dispersa*” construída com as memórias destas sete mulheres. Ocasionalmente, “*a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas [...] não é a história em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.*” (Delgado, 2010, p.18).

Construção de um patrimônio do vivido, sentido e significado, capaz de ultrapassar as demarcações metodológicas quantitativas e qualitativas que produzem os dados e as reflexões científicas acadêmicas. Encontrar todas essas narrativas possibilitou me posicionar como um “*sujeito da experiência*”

¹ Documentário “Janela da Alma” (2001), com direção de João Jardim e Walter Carvalho.

descrito por Larrosa, *“não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível [...] um espaço onde têm lugar os acontecimentos”* (2002, p.24).

Acontecimentos que me ocorreram quando recordei e pude revisitar meus percursos educacionais, vividos enquanto discente, nas narrativas destas sete mulheres. Já nos primeiros momentos, assim como aconteceu com a Veridiane, também escutava que a Pedagogia *“era o curso menos concorrido”* e ao ser aprovada, no vestibular, também fui informada por conhecidos, assim como aconteceu com ela e a Joice, na nossa época o resultado *“era disponibilizado em um jornal de rádio local”* e senti exatamente o que a Veridiane compartilhou, *“veio uma surpresa extremamente inesperada, beirando o estranho”* recordo que foi *“muito difícil de compreender o que eu senti. Como assim, eu fui aprovada?”*.

Em relação aos tempos e as experiências vividas na graduação, Francisca Sandra me fez recordar a visita que o curso proporcionou ao Assentamento 10 de Abril, no Crato, tinha esquecido completamente desta experiência, e o quanto passei a conhecer e a participar de movimentos sociais, grevistas e políticos relacionados a educação. Senti, assim como ela, que literalmente *“saí outra pessoa, com novas perspectivas de ser, de pensar e de exercer a minha profissão”*. E ressalto, ainda como discente, a identificação com as narrativas destas mulheres em relação aos docentes e as amizades construídas no decorrer do curso, sublinhando a Joice Maria quando significa o *“mundo URCA”* e escreve, *“absolutamente tudo diferente do que eu já tinha vivenciado até aqui. As colegas eram de várias cidades, com contextos históricos diferentes, mães, casadas, solteiras,*

jovens, com meia idade, era um misto de cultura, ricos, pobres – era uma diversidade”.

Um verdadeiro privilégio conhecer estas narrativas e poder também rememorar as minhas próprias experiências discentes, constituindo assim, memórias coletivas da Pedagogia, atestadas por Bosi (2003, p. 22) ao escrever *“há, portanto, uma memória coletiva (no caso, a produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão), a qual se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade e permanência àquela classe”*, neste caso, ao curso em questão.

Revisitar a Pedagogia da URCA dando-lhe esta volta toda, com estas significações afetivas, me faz afirmar o quanto esta obra é uma leitura indispensável para o campo da educação, em especial para a educação superior pública. Atesto inicialmente, enquanto discente, por ter vivenciado esta graduação tendo acesso as oportunidades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo bolsa de estudo e auxílios para participar em congressos nacionais. E hoje, enquanto docente, efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, após ter concluído mestrado e doutorado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará – UFC, e já ter tido a oportunidade de viabilizar, dentre as experiências educacionais que coordenei, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid.

Experiências na e para uma educação superior pública que foram revisitadas e refletidas nestas narrativas e a do próprio autor. Relatos que me encantaram, me emocionaram e me fizeram parar para ressignificar a minha atuação docente. Questionei até que ponto, no meu cotidiano, estava me tornando indiferente as histórias de vidas das/os minhas/meus discentes?

Se ainda conseguia ter clareza da relevância do meu fazer nas suas formações docentes? O quanto estou conseguindo viabilizar experiências de ensino, pesquisa e extensão, dentre outras, que possam proporcionar auxílio financeiros e em especial as desejadas práxis educacionais? Enfim, estas narrativas me aconteceram como práxis educacionais e de vida.

Atestando o quanto precisamos, enquanto educadoras/es, servidores públicos e cidadãos brasileiros, defender, lutar e garantir a existência de políticas públicas educacionais destinadas ao ensino superior público no nosso país. Reconhecendo que as mesmas, transformam histórias de vidas, e por consequência, histórias de famílias, comunidades, cidades, regiões e países. Constroem e realizam sonhos, geram perspectivas, esperanças e encontros. Encontros com os lugares, as pessoas, com nós mesmos e com a nossa capacidade de estarmos sentindo à vida, tornando a mesma importante pra nós, principalmente na compreensão do Manoel de Barros, quando diz, *“que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”* (BARROS, 2010, p.109), encantamento necessário para encontrarmos o sentido da nossa existência. Por tudo isso, desejo que se encontrem com e nas narrativas e se encantem com as possibilidades do curso de Pedagogia.

Profa. Dra. Inambê Sales Fontenele

Instituto Federal do Ceará (IFCE)

BIBLIOGRAFIA:

BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BENJAMIN, Walter. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. São Paulo, SP: Editora Relógio D'Água Editores, 1992. [Traduções: Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto] 1992.

BOSI, Ecléa. O Tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social/ Ecléa Bosi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade / Néstor García Canclini; tradução Luiz Sérgio Henrique. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral – memória, tempo, identidades/ Lucilia de Almeida Neves Delgado. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LAROSSA, Jorge Larossa Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. [tradução: João Wanderley Geraldini] Revista Brasileira de Educação nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002.

NA TRILHA DA PEDAGOGIA

Francisca Sandra de Sousa

Eu sou Francisca Sandra de Sousa. Mulher, camponesa, filha de agricultores, lida, leitora, professora, pedagoga, esposa, mãe, ouvinte, escritora e narradora de histórias do meu cotidiano, na lida e na Vila Compra Fiado. Minha família tem raízes africanas e indígenas, tanto da parte dos avós maternos, quanto dos paternos, o que não é novidade em uma população brasileira de mestiçagem de etnias. Meus pais são agricultores e meus avós também eram agricultores. As mulheres da minha família se dividiam entre as tarefas domésticas e a lida na roça com os maridos, repetindo o mesmo ciclo para seus descendentes. Uma “Vida Maria” de resistência e persistência compartilhada com a terra e a família, onde estudar era um apêndice e para poucas.

Minha mãe é costureira e do lar. É uma mulher extremamente criativa e corajosa. Sempre ajudou meu pai na roça, sabe ler e escrever e ainda hoje gosta de estudar. É mãe de três filhos e três filhas. Três deles são deficientes físicos e intelectuais, o que acrescentou ainda mais atividades à sua rotina materna. Multiplica o tempo e a paciência com sua resiliência cotidiana. Já o meu pai apresenta um fenômeno que nunca vi em outra pessoa. Sabe ler, mas não sabe escrever. Faz cálculo mental como ninguém, tem uma excelente capacidade comunicativa e só frequentou a escola por três dias. O que mais

me intrigava nos diálogos que tínhamos na roça, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã e meu irmão, era a certeza de que uma vida melhor passava pela educação. Concordo com eles até hoje. A inclusão é uma luta constante para os meus irmãos deficientes. E assim, fomos guiados para a escola, as duas filhas e o filho que podia estudar, rumo a transformação pela educação. E ela veio. A passos lentos, mas veio. E esse ciclo de valorização da educação e formação, trouxemos para a nossa vida e as famílias que formamos.

Nasci em 30 de março de 1977 em uma cidade do sertão pernambucano, onde morei por duas vezes, na zona rural, antes de vir para a comunidade Compra Fiado, no Ceará. Meus pais deram comigo, o primeiro passo para a docência e rumo ao curso de Pedagogia. Eles foram os meus primeiros professores. Me ensinaram a ler e contar em casa, usando uma cartilha do ABC e uma tabuada, comprados na feira livre da cidade de Brejo Santo. Embarquei nos trilhos da escola, pela primeira vez, junto com a maioria das crianças dali, numa sala multisseriada. Tive três professoras nessa escola rural e segui por outra estação para estudar na cidade a terceira série do primeiro grau. Nesse percurso vivia dividida entre a vontade de estudar, a possibilidade de um futuro melhor e a saudade de casa. Como não tinha transporte escolar, morava nas casas de pessoas amigas ou familiares, ajudava nas atividades domésticas para poder frequentar a escola. Um vagão amargo da locomotiva da docência, mas muito significativo na minha formação. Sim. A saudade do meu lar e da minha família me fez forte, resistente e perseverante. Me fez valorizar cada aula assistida e sonhar com mais vontade com um futuro profissional. Era certo que ia ter um salário digno e um emprego, um dia. Disso nunca duvidei.

Entre um vagão e outro da vida escolar, descobri um problema de saúde na coluna e não tinha mais como ficar na

cidade, não conseguia ajudar em casa. A essa altura, como já havia transporte escolar, então mudei de escola e voltei a morar em casa, indo e vindo para a escola todos os dias. Estava concluindo o primeiro grau. Foi quando fui ser monitora da creche comunitária, minha primeira atividade docente. Ainda adolescente, essa atividade me possibilitou fazer de conta que brincava, ao trabalhar com as crianças, inclusive meus irmãos e irmãs (a idade era propícia) e compartilhar das organizações das festividades tradicionais do lugar e da juventude da época, exercer a função de ledora das renovações do Sagrado Coração de Jesus (mais tarde assumindo o papel de tiradeira de renovações da vizinhança, função passada de pessoa a pessoa), dos novenários de devoção mariana e as atividades coletivas costumeiras ali. Essa monitoria me encaminhou para no segundo grau, optar pelo Curso Pedagógico que já concluí como professora temporária. Daí para a Pedagogia, foi um concurso, em 1998. Atribuo a ida para a Urca ao concurso que fui aprovada como professora efetiva do município de Brejo Santo, porque foi o que me proporcionou ter condições financeiras de custear o ônibus e xerocar o material para o curso.

A aprovação no concurso público estava atrelada a cursar uma faculdade. Fiz a escolha pela Urca e pelo curso de Pedagogia, já que exercia a função de professora e comecei a estudar logo que assumi como efetiva no município. Essa foi a primeira vez que me senti professora de verdade. Então precisava seguir com a formação. Organizei a rotina entre estudar, fazer planejamento diário e dar aulas na escola por seis meses, até o vestibular. Lembro como se fosse hoje! Corujões com amigos e amigas que também iam fazer as provas, festas juninas na mesma época, o que não perdia por nada e a proposta de redação com uma situação complicada. Não deu outra. Dancei o forró do São João no sítio, fiz o vestibular e fui

aprovada para o curso de Pedagogia em décimo quinto lugar no ano de 1998.

Chegar à Urca no primeiro dia de aula foi mais uma vez voltar a um presente de uma pedra que ganhei do meu pai aos quatro anos de idade. Objeto que guardo até hoje e acorda em minha lembrança o sonho de um pai trabalhador da roça, compartilhado com uma mãe dona de casa. O sonho de que a filha a colocasse em sua mesa de trabalho quando crescesse. Toda vez que mudei de vagão, que mudei a trilha da vida rumo a minha formação docente, lembrei do meu guardado de memória, que mesmo quieto e calado ressoa o sonho de meus pais para o meu futuro. Ter uma filha formada. E eu fui a primeira pessoa da minha casa e da minha comunidade rural a ter diploma universitário, a primeira pedagoga do lugar.

Na minha linha do tempo na Pedagogia o ponto de partida, o portal mágico é a entrada do prédio que fica em frente à padaria Pão e Companhia (essa padaria só frequentava no dia do pagamento. Achava que merecia me dar ao luxo de comer um sanduíche natural bem comprido e caro que lá vendia, pelo menos uma vez por mês). Seguindo pela travessia do curso, vieram os seminários, as formações de equipes, as muitas amizades, as partilhas de experiências, o contato com diversas docências dos(as) professores(as) da universidade, as leituras dos textos no ônibus, aproveitando as viagens entre cochilos e barulhos dos alunos e alunas. O percurso foi longo e a trajetória nada fácil. Mas afirmo que a Pedagogia é um curso para a vida e digo muito que se tivesse sendo aluna do curso atualmente, teria aproveitado bem mais. Não tive como me engajar em pesquisa, pois já trabalhava e no segundo ano da faculdade ainda dobrei a rotina ao ingressar em uma escola particular. Tinha que reservar as madrugadas e os finais de semana para dar conta das obrigações do curso e do trabalho nas duas escolas. No meio do

caminho casei e terminei o curso grávida. Realizei o estágio, a escrita da monografia e o relatório do estágio, cuidando do meu primeiro filho, Davi, junto com meu esposo que também estava concluindo História na Urca.

Ao final do curso, em 2002, eu pedagoga, profissional responsável por acompanhar o processo de desenvolvimento intelectual e social dentro ou fora da escola, apta a oferecer apoio e orientação para a construção do conhecimento visando o ensino e aprendizado de qualidade adequados à realidade do(a) aluno(a). Habilitada para atuar em gestão escolar com registro e diploma. Não é nem parece fácil. No dia da colação de grau fiz questão de levar o meu pai. Lembra do presente da pedra? Isso mesmo! Um sonho sonhado e realizado. Essa foi a segunda vez que me tornei professora. Fortaleci a minha professoralidade. Na comemoração da minha turma teve tudo que manda o figurino e com a participação da família. Baile e festa únicos, para mim e o esposo, mesmo de outro curso, pagos em parcelas de vinte e cinco reais mensais por dois anos. E mais uma vez o fato de ter um trabalho foi importante para eu concluir a Pedagogia.

Fiz o curso de maneira privilegiada, do ponto de vista de poder relacionar com mais propriedade a teoria e a prática. A realização do estágio para colegas que não tinham prática de sala de aula foi um desafio muito maior do que para quem já atuava na docência. Para mim, o curso fundamentou a minha prática como professora, me fez conhecer o contexto epistemológico da educação, principalmente como se estruturou a educação brasileira ao longo do tempo, o que considero ser muito importante para a construção de minha identidade profissional.

Atualmente a ementa do curso é bem diferente de vinte anos atrás, quando terminei. Os tempos também são outros,

assim como quem o frequenta e o próprio curso. Quando terminei a Pedagogia e atravessei o portal de saída, o mesmo pelo qual ingressei, saí outra pessoa, com novas perspectivas de ser, de pensar e de exercer a minha profissão. Os caminhos que me levaram à Pedagogia foram os mesmos que me levaram para a sala de aula. Nas vivências do cotidiano fui construindo a minha docência, me formando professora ao ensinar e ensinando ao me formar como professora, parafraseando Paulo Freire, meu conterrâneo pernambucano.

Da Pedagogia até hoje e cada vez que vou preparar uma ação pedagógica busco primeiro pela criança que fui em casa e na escola, depois procuro a jovem que fui, as atividades coletivas que fiz junto com os meus na zona rural, na minha juventude e tento visualizar como eram as escolas em que estudei e os professores que tive, penso também na pessoa que me tornei, no que minhas lembranças selecionaram guardar da criança, jovem, aluna, pessoa, professora que fui me constituindo ao longo da vida. E não tenho vergonha de dizer que coleciono as melhores e piores partes de tudo isso para exercer a minha profissão. Ora uso, ora não uso. Porque considero que no erro e acerto aprendemos, na vitória e derrota aprendemos, na convivência e experiência aprendemos, do começo ao fim, aprendemos sempre. A pedagoga que sou hoje é resultado de tudo que vivi, das memórias que guardei, das pessoas com quem me relacionei, das aulas que assisti e não assisti, das escolas nas quais trabalhei, de todos os cursos dos quais participei desde então. Somos o que vivemos. Somos o resultado da travessia e do modo como somos atravessados pela vida.

Falar dessa trilha e da travessia pela Pedagogia na Urca me fez retomar minha trajetória de formação docente, me fez ver que não tive dificuldade para falar de nenhum momento porque não foi doloroso tanto quanto foi difícil e me fez valorizar cada

momento de partilha que vivenciei, como por exemplo, na ida a congressos da Pedagogia em Natal e Fortaleza, na visita ao Assentamento 10 de Abril, no Crato, aos movimentos grevistas enfrentados. Foi muito aprendizado, luta e dedicação. Sou a colcha desses muitos retalhos costurados à luz da Pedagogia.

A minha trilha até a Pedagogia e a partir dela é única porque é só minha, mas se entrelaça com as histórias de diferentes pedagogas, diferentes mulheres, diferentes mães, diferentes professoras, que se formaram e que formam consciências nos arredores de uma universidade que potencializa aprendizado para a docência e para as muitas mentes que por ela passaram e passarão. Na travessia da vida vivemos em construção, acordei em mim uns versos, que me atrevo a trazer aqui em primeira mão:

Quando nasci não sabia
O que a vida ia me dar.
Os meus pais me ajudaram
A achar o meu lugar.

Me incentivaram a ler,
Relataram suas memórias.
Ensinaram-me a contar,
Tanto números quanto histórias.

Trabalhei em uma creche.
Infância! Será a minha?
Monitorava crianças,
Me fazendo de rainha.

Era a docência chegando,
Inocência era divina.
Não deixava eu perceber,
A professora-menina.

Profissão ainda incerta,
Normalista me formei.
A função estava aberta,
Professora me tornei.

Na Urca eu ingressei.
Fui pra universidade.
E já cheguei concursada,
Quanta felicidade!

Foi na Urca que aprendi
O que é diversidade.
Era um mundão de gente.
Vinha de toda cidade.

Moldou o meu ensinar.
Pedagoga de verdade.
Construindo o saber,
Em qualquer realidade.

O meu portal para a Urca
Foi o portão de entrada,
Para o conhecimento,
Uma trilha almejada.

A vida de professora,
É uma grande missão.
A travessia no curso,
Fincou os meus pés no chão.

Conhecer a narrativa,
De cada aula assistida.
Valorizar a profissão,
Me deu um curso na vida.

O anel de formatura,
ainda hoje eu tenho.
É um símbolo de conquista,
Conhecimento e empenho.

De todo aprendizado,
Da pedagoga e andanças,
Chega ao fim a travessia,
As fotos guardam lembranças.

A COLETIVIDADE NA MINHA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

Veridiane Rosa da Silva

Eu sou filha de Valdeci Rosa (dona Val) e Francisco Canuto da Silva (seu Pingo). Nasci no dia 02 de Junho de 1981, em Brejo Santo, interior do Ceará. Caçula dos 10 filhos dos meus pais, eu fui agraciada com sete irmãs e dois irmãos que estão presentes em cada passagem da minha história e sem os quais eu não conseguiria exprimir quem sou. Sempre tive por lar o Compra Fiado, um sítio, hoje, Vila, na área norte da zona rural brejosantense, que abriga até hoje grande parte da minha família. Fronteiriço com os sítios Onça, Barreiro Branco e Vargem Comprida, esse lugar tem majestosos jatobazeiros como relevante marco visual e identitário da comunidade. É o ponto de encontro e de cultura que melhor nos representa.

Sou casada com Alessandro Moura, professor e um grande parceiro de caminhada de vida, principalmente na área da educação e ao lado dele me tornei mãe de Alan e Viviane Silva. Alan é um apaixonado por leitura literária e por conta disso tornou-se escritor. Viviane ama futebol e tem afinidades com a arte de pintar, além disso, os dois filhos são muito estudiosos. Dessa forma, posso dizer que a minha família são os meus maiores incentivadores na área da educação, eles me apoiam tanto no que eu realizo como professora, no meu trabalho, quanto em relação ao meu processo de formação contínua e os projetos que eu participo na minha comunidade.

Em 2022, concluí o Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA, com uma pesquisa voltada ao reavivamento das memórias e histórias orais temáticas, trazendo as memórias de infância de algumas mulheres da minha comunidade. A pesquisa de Mestrado teve como produto um livro intitulado “Histórias que nascem debaixo dos pés de jatobás”, a primeira coletânea de memórias temáticas da infância de parentes meus e tem sido sucedido por outros projetos.

Atualmente, à parte do meu trabalho como formadora da equipe multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação Básica, desenvolvo um projeto chamado Memórias do Compra Fiado, desde 2021, que tem por princípio e por objetivo o reavivamento das memórias do meu lugar e do seu povo. Junto à minha prima, Francisca Sandra Sousa, além de cada um dos membros da nossa comunidade, conseguimos restaurar o ponto de encontro da comunidade, que há muito vinha sendo negligenciado. Adotamos um projeto de leitura chamado “Casinha de livros”, idealizado por Clara Beatriz, uma adolescente que reside na cidade de Irecê-BA. A partir da adoção do projeto de leitura, arrecadamos centenas de livros que nos ajudaram a criar uma biblioteca comunitária; temos realizado eventos literários, culturais e acadêmicos mais diversos. Como principal resultado das nossas ações, eu hoje vejo o senso de coletividade do meu lugar reforçado, e, a cada ano, crescemos como comunidade e trabalhamos para melhorar as nossas condições de vida e fruição.

Tudo o que foi dito até aqui, nos parágrafos anteriores, caracteriza o momento em que me encontro, agora, na vida pessoal, acadêmica e profissional. Mas a motivação e o longo histórico de onde procedem os sonhos e cada um dos projetos que desenvolvo hoje, nasceram em outras conjunturas de minha

vida e têm por raiz originária a minha infância no ainda sítio Compra Fiado.

Crescendo em uma casa com 12 pessoas, cujo sustento provinha majoritariamente do trabalho da roça, eu não tive a oportunidade de frequentar a escola até os 7 anos de idade e acabei perdendo toda a educação infantil e parte da fundamental, em termos formais. Apesar disso, por ter nove irmãos mais velhos que já iam para a escola diariamente e traziam consigo seus cadernos, cartilhas e o seu conhecimento em educação básica, eu fui alfabetizada logo em casa, com o apoio sobretudo daqueles que tinham idade mais próxima à minha. Assim, por mais que a qualidade do material escolar fosse mísera, eu pude desenvolver habilidades motoras muito antes de ter a oportunidade de estar na escola e tive um contato inicial com o universo encantador da leitura.

Comecei a frequentar a escola em uma comunidade vizinha, um prédio pequeno de apenas uma sala, que abrigava estudantes de diferentes idades e séries. A professora era “polivalente”, ou seja, ministrava todas as matérias e atendia a todo o público estudantil das redondezas. Ainda hoje, quando relembro dessa época, vem a dualidade da aventura que era aprender, inclusive considerando a jornada diária até a escola, feita com meus irmãos, primos mais novos e com a própria professora (também minha prima) a pé, em contraste com a falta de oportunidades que nos era oferecida. Quando era temporada de chuvas, e a estrada alagava, fazíamos esse trajeto afundados na lama, embora eu tivesse o privilégio do choro, que sensibilizava um dos meus irmãos a me carregar nos ombros. Além das adversidades estruturais, a cartilha da Ana e do Zé, nosso principal material didático, oferecia uma educação motorizada, alheia à nossa realidade e nos abstinha de uma reflexão mais profunda do que o jogo fonológico de “Eva viu a

uva”. Inconscientemente, ali já despertava em mim um senso de luta por melhores condições de vida e acesso aos meus direitos, embora eu ainda desconhecesse com pormenores o conceito pleno de cidadania.

Ao passo em que tive meus primeiros contatos com o mundo da escola formal, também fui construindo o aprendizado com a minha comunidade, por meio das rodas de história, conversas intergeracionais e com as brincadeiras de terreiro. Meus parentes mais velhos, com seus causos repletos de sabedoria popular, além dos seus conselhos ricos na sapiência de quem já viveu mais, ensinaram-me muitos valores que ainda carrego. Naqueles anos, quando ainda nem tinha energia elétrica no sítio, o brilho das estrelas era o que muitas vezes iluminava as nossas rodas de conversa, ou então a ignição inconstante de um candeeiro e nós, sem dar por isso, nunca perdíamos o tempo conjunto.

Brincadeiras como “31, Amarelinha e Bandeirinha Vogal preenchiam de crianças os terreiros da comunidade, principalmente nas noites de renovação e novena, e deixaram marcas profundas na minha memória. Além disso, hoje entendo que essas e tantas outras brincadeiras ajudaram a formar minha coordenação motora, servindo de apoio para os primeiros rabiscos, ainda com o material didático dos meus irmãos e, mais tarde, para o trabalho de alfabetização tão pouco democrático a que eu tive acesso.

Depois de dois anos estudando na escola vizinha ao Compra Fiado, papai decidiu me levar para estudar na cidade, na escola José Matias Sampaio, o que proporcionou uma forte quebra de rotina, inclusive emocional, para mim. Acostumada a estar sempre rodeada dos meus parentes, na liberdade que era

uma escola rural, foi estranho ir para uma instituição fisicamente rodeada de muros, onde eu, por ser do sítio e muito economicamente vulnerável, sofri preconceito dos outros alunos e levei um bom tempo para me encaixar. Embora estar naquela escola proporcionasse dificuldades variadas, foi nesse período que eu comecei a ter contato com uma realidade mais ampla do que a do Compra Fiado. Mais ampla do que as barreiras, dessa vez invisíveis, que limitavam nossa visão de mundo. No começo da adolescência, tornei-me catequista, e os encontros formativos no centro catequético, com pessoas de outras cidades caririenses, ajudaram a me introduzir a novas possibilidades de vivência.

Sobretudo, reconheço que meu pai, com uma consciência política e um ativismo social inabaláveis, natos, é essencial para o momento que estou vivendo hoje. Ele, líder da associação de agricultores das circunvizinhanças e ativo sindicalista pelos direitos da pessoa do campo, sempre me ensinou a lutar pelas minhas causas com afinco, sem deixar o respeito, principalmente por mim mesma, de lado. Graças ao seu engajamento político-social, papai trouxe para o Compra Fiado incontáveis eventos que eu, “curiosa”, jamais perdia; e levou pautas da luta do nosso povo para Brasília durante a Assembleia Constituinte de 1988.

Na Escola José Matias Sampaio, eu estudei da 2ª até a 5ª série, sendo que no último ano ali, foi pelo sistema TV Escola, que oferecia aulas gravadas por meio de uma televisão na sala e tinha um monitor para nos orientar durante as atividades. A partir do ano seguinte, eu comecei a estudar à noite na Escola Balbina Viana Arrais, pois eu já precisava trabalhar ajudando meus pais e irmãos mais velhos na roça. No período da tarde, consegui um “trabalho” de professora de reforço por um projeto mantido por patrocinadores do exterior. Nessa época, por volta dos 14 anos, eu dava o reforço para crianças de outra localidade

em troca de um pagamento singelo que já ajudava muito as despesas da família, além de merenda e alguns materiais que eu buscava sozinha em outra comunidade. Continuei na escola Balbina até a 7ª série, já que para a 8ª veio mais uma quebra na minha vida, quando fui transferida para uma escola particular, o Colégio Padre Viana. O período que começou, então, foi marcado por uma dualidade ainda mais intensa, pois eu tive acesso a uma educação de melhor qualidade, meus primeiros contatos com um material de livros didáticos e paradidáticos mais bem planejados, o que agregou beneficemente ao meu conhecimento formal. Por outro lado, as limitações financeiras da minha família me punham em estorvos mensais à porta da escola, pois quando passava o dia do pagamento e meu pai ainda não tinha conseguido o dinheiro, a minha entrada era barrada, sem contar com a dificuldade que tive para me adaptar ao alto nível de desempenho acadêmico cobrado.

Concluindo o Ensino Fundamental, eu tive que fazer uma escolha entre duas opções de Ensino Médio: o ensino científico, focado nos assuntos teóricos e preparo para os vestibulares; ou o ensino técnico em contabilidade, de cunho mais profissional. Além das diferenças pedagógicas, havia uma importante diferença nos custos entre as duas formas de ensino, pois a primeira cobrava mais materiais, era mais cara e a segunda requeria somente um livro de gramática e tinha mensalidades mais baratas, sem contar com uma bolsa da prefeitura do município que cobria metade do valor. Mais uma vez, ficamos entre a cruz e a espada por conta da nossa dificuldade financeira, já que, por mais que todos os meus professores nos orientassem a ir para o científico, não tínhamos como arcar com tamanho custo.

Comecei o 1º ano técnico, e nem mesmo com o desconto da bolsa do município meu pai tinha condições de

pagar a mensalidade todos os meses, e eu mesma tive que procurar uma fonte de renda paralela para conseguir concluir meus estudos. As aulas eram à noite, pela manhã e tarde eu trabalhava de empregada doméstica, na casa de um casal cuja filha cursava o científico na mesma escola que eu, no período matutino. Ah, como eu queria ter a oportunidade de vivenciar uma realidade estudantil como a dela, indo para a escola de manhã, indo para a casa de colegas à tarde para estudar e fazer trabalhos! Mas, como até o ensino técnico era um desafio por ser uma instituição particular, prossegui na conjuntura que me era acessível.

No final do meu 1º ano do Ensino Médio, eu me inscrevi para ser professora e montar uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Vila Compra Fiado, com membros da própria comunidade, o que me possibilitaria migrar para o científico no ano seguinte. Apesar dessa vaga chance, meu salário como professora não seria suficiente para custear os estudos na outra modalidade, então eu mesma decidi voltar para a escola pública, e voltei para a Balbina mais uma vez, pela manhã. Aquela foi uma experiência muito rica e apesar de curta, me proporcionou conhecimentos incontáveis.

No ano seguinte não consegui montar uma nova turma. Dessa forma, a saída foi mudar mais uma vez de turma, voltando para a noite; uma amiga conseguiu um trabalho para mim durante o decorrer do dia em um supermercado no centro de Brejo Santo, onde segui empregada pelos próximos anos. Terminei o Ensino Médio sem saber qual seria o próximo passo. Minha visão de mundo já tinha sido ampliada diversas vezes desde que eu deixei a escolinha perto do Compra Fiado, mas a ideia de um ensino superior ainda era muito alheia à minha realidade tangível. Lembro, contudo, de um dia em que eu estava ajudando papai no plantio de manivas de bananeira, ainda em

plena infância, e ele me contou histórias sobre professores e sobre como a educação pode mudar vidas. O meu pai falou de uma tal de URCA, que ficava no Crato, e poderia abrir várias portas na vida de quem por ali passava.

Pouco depois que terminei o 3º ano, tive a oportunidade de prestar o vestibular para essa universidade, por mais que não entendesse muito bem o que era a prova e o que significaria ser aprovada. A esmo, consegui o dinheiro emprestado para pagar a taxa de inscrição e me candidatei ao curso de Pedagogia, que, segundo a crença de muitas das pessoas que me rodeavam, “era o curso menos concorrido”, fato que não se comprovou naquele ano. A prefeitura ofereceu transporte para os candidatos até a cidade do Crato, então eu embarquei nessa espécie de aventura, desconhecendo o quanto aqueles dois dias de vestibular transformariam a minha vida mais tarde, para sempre. Ao longo do caminho, ouvi outras pessoas falando sobre redação, modelos de questões e tentei apurar com um ouvido atento o máximo de informações referentes à prova. Combinando o conhecimento do meu ensino básico conturbado, à experiência de ter sido professora, ao que a vida prática e a leitura tinham me ensinado, prestei o vestibular da URCA e então segui a vida normalmente.

Semanas depois, quando uma das minhas colegas de trabalho checkou a relação de aprovados no vestibular, que, na época, era disponibilizada em um jornal de rádio local, veio uma surpresa extremamente inesperada, beirando o estranho: “Veridiane Rosa da Silva” ali constava. Foi um choque muito difícil de compreender o que eu senti. Como assim, eu fui aprovada? Deve ter havido algum engano ou então é outra Veridiane com sobrenome igual ao meu. Mas não, se era esse nome, e era de Brejo Santo, só poderia ser eu. Não teve comemoração, churrasco ou corte da sobancelha, eu não tinha noção alguma do que significava ter sido aprovada em

pedagogia na Universidade Regional do Cariri e do quanto aquele resultado traria melhorias na minha vida futura. Então apenas tratei de saber a opinião da minha mãe e do meu pai, e com o aval deles, procurei um jeito de me matricular na Universidade e saber como iria todos os dias para o Crato para as aulas.

Nos anos seguintes, eu tive uma das experiências mais transformadoras da minha vida, mas o que foi, tenho quase certeza, o seu período mais conturbado e desafiador. Trabalhando de manhã e de tarde no supermercado, eu precisava permanecer no trabalho durante o horário de almoço para ser liberada uma hora mais cedo, pegar o ônibus e ir para a URCA, sendo que muitas vezes saía sem o jantar e sem sequer uma garrafa de água. Essa e outras intempéries puseram em teste minha resiliência, como a sede e da fome que eu passava até voltar para casa à meia noite, e como quando eu quebrei o pé descendo do ônibus na chegada da faculdade.

Os desafios foram incontáveis, mas sobretudo com minha força de vontade, com o apoio de amigos, dos professores e do meu então namorado, Alessandro, consegui, ao cabo de 4 anos, formar-me pedagoga. A formatura, que foi na quadra poliesportiva da Secretaria de Esporte de Juazeiro do Norte-Ce, foi um momento emocionante, não só pelo simbolismo do ritual com o canudo, mas pela emoção que foi ter conseguido superar desafios tão pungentes. Meus pais não tiveram como ir para a cerimônia e só à noite eu voltei para casa e ainda tive que esperar o final de semana chegar para poder compartilhar com eles a alegria indescritível dessa conquista.

Em 2004, ainda cursando a faculdade, eu me casei e engravidei no ano seguinte de Alan, que veio a nascer

prematureo, e por muitos motivos, não pôde ser cuidado por outra pessoa, forçando a minha saída do trabalho no supermercado (graças a Deus!). Quando ele já tinha um ano de idade, eu me tornei sócia de uma instituição particular de ensino, em Brejo Santo, a Escola Paulo Freire e comecei a trabalhar como professora polivalente no Ensino Fundamental. Os 2 anos e meio que passei nessa escola foram minha graduação na prática, pois eu tive que reaprender a aprender para assim poder lecionar, experiência pela qual eu sou profundamente grata.

Depois desse período na Paulo Freire, fui aprovada no concurso, convocada e assumi um cargo como professora de Ensino Infantil, na rede municipal de ensino de Brejo Santo-CE, pouco mais tarde fui aprovada no segundo concurso. Com isso, eu pude me manter nos dois horários letivos em uma escola, a Padre Pedro Inácio Ribeiro, onde assumi as turmas de 2º ano pela manhã e 3º ano do fundamental, à tarde. Nesse espaço de tempo também nasceu a minha filha, Viviane. Já tendo concluído a Especialização em Psicopedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), fui capaz de aliar, pela primeira vez na vida, o trabalho docente à minha paixão pela leitura, método não só de ensino, mas de vivência pessoal, que carrego até hoje.

Nesse momento da minha jornada profissional, eu senti despontar o que anos envolta pela educação social, em pares, focada na interação com o outro (antes mesmo de considerar a educação formal) havia me ensinado. Por ter surgido como educadora nesse modelo de ensino-aprendizagem mais amplo, eu sempre prezei por estratégias pedagógicas que dessem aos meus alunos o senso de comunidade, de pertencimento com o outro. Simultaneamente, também procurei oferecer chances de aprender fora do ambiente escolar tradicional, indo para a

biblioteca do município, para o Centro de Vocação Tecnológico e tantas outras vivências mais amplas que apenas a sala de aula.

Já efetivada as 40 horas semanais, estabilizada há alguns anos na Padre Pedro, eu passei por um período de instabilidade, transitando entre escolas da rede municipal como professora do ensino infantil, fundamental e até bibliotecária. Por conta de problemas de saúde, e também para dar suporte aos meus filhos, pedi afastamento da sala de aula em 2017 e nos mudamos para Juazeiro do Norte. Com mais tempo livre para estudar, eu me aprofundi nos conhecimentos da pedagogia, psicopedagogia e seus diversos ramos, estudando vorazmente e consumindo livros de pensadores e pesquisadores da  rea. Naquele momento, minha situa o financeira já possibilitava o acesso a tais materiais, que anos antes pertenciam a um campo muito mais idealizado da minha vivência acadêmica; então eu aproveitei ao máximo as oportunidades que estavam ao alcance da vista.

Durante esse período, mantive-me conectada a sala se aula por meio das aulas em extensões do curso de especializa o em psicopedagogia da Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN, filiei-me   Associa o Brasileira de Psicopedagogia (ABPP), participei de cursos e simpósios diversos, com foco sobretudo na inclusão, engajei-me à comunidade de psicopedagogia de todo o Ceará. O que tinha iniciado quase duas décadas atrás com a falta de decisão e de entendimento sobre o mundo profissional e sobre o ensino superior se calcificou, para mim, como a paixão intelectual de toda a minha vida. Com isso, no final do primeiro semestre daquele ano, eu fui convidada para participar da Equipe Multidisciplinar da Secretaria de Educa o de Brejo Santo, cargo em que permaneço até hoje.

Fato é que, embora a estabilidade de um cargo administrativo e de formadora fosse apazível, eu nunca tive pretensões a me prender a uma só oportunidade ou conjuntura (talvez pelas incontáveis quebras que sempre permearam minha vida desde os primeiros vislumbres do ambiente educacional, talvez!). Por conta disso, desde os menos de dois anos sabáticos que eu tirei em Juazeiro, uma das metas mais decisivas que figurava em minha mente era fazer um mestrado, de preferência em educação. Alessandro, em 2014, tinha concluído esse nível de ensino superior pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, tinha assentado o exemplo que me inspirou a perseguir uma oportunidade de grau congênere.

Assim, pouco antes de começar a se falar em Coronavírus, eu me inscrevi para pleitear uma vaga no Mestrado Profissional em Educação da URCA, e mais uma vez para minha surpresa (não dos meus filhos, esposo e sobretudo do meu pai) fui aprovada. Como parte de um relativamente pequeno ciclo, eu agora voltava para a instituição que tinha me feito pedagoga, pesquisadora, para desfrutar de um nível ainda mais apurado de educação.

Para a entrevista com os professores doutores e para fins de demonstração do que eu planejava desenvolver enquanto pesquisa, eu idealizei um projeto focado em leitura na escola, que seria aplicado na escola Padre Pedro. Contudo, pela influência de terceiros, mas principalmente de uma experiência mais do que mágica enquanto aluna da Escola de Narradores do Cariri tinha me proporcionado, voltei os olhos para o meu lugar.

O raciocínio foi o seguinte: eu sempre fui apaixonada por histórias e durante todos aqueles anos em sala de aula eu fui capaz de ver o quanto a leitura, de palavras aliada à de mundo,

era fundamental para o processo formativo de qualquer ser humano. Toda a bagagem que o curso de narração de histórias tinha me oferecido abriu meus olhos para a riqueza de histórias, sobretudo de cunho oral, que sempre correram no seio da minha comunidade e são de caráter basilar para nossa identidade coletiva. Por que, então, eu deveria buscar material e enfoque de estudo na distância, tão geográfica quanto cultural, de uma comunidade escolar da zona urbana do meu município? Por que não focar nas demandas e no potencial do lugar em que eu moro e que me gerou em quase todos os aspectos?

Fato é que, com a explosão da pandemia de covid-19, a certeza de que meu lugar de pesquisa seria também o lugar onde eu estava isolada se concretizou e ficou mais nítida do que nunca. Logo, assim que começaram as aulas do mestrado, eu já tinha em mente a cultura das histórias orais e seu papel para a identidade coletiva da Vila Compra Fiado e o pré-projeto que foi apresentado à banca, no meio do processo, já continha muito dessa perspectiva que mais tarde foi amplamente maturada. Concomitantemente, eu e minha prima Sandra Sousa, que também fez parte da Escola de Narradores, iniciamos a liderança de um projeto em prol das memórias do nosso lugar, a princípio de maneira tímida, com a recolha de áudios em grupo de WhatsApp sobre lembranças relevantes da comunidade.

As provocações que foram direcionadas ao grupo colheram resultados promissores, sobre os quais desenvolvemos todo o projeto subsequente. Ficou nítido, para nós e para parte considerável da população, a importância dos Pés de Jatobás para a identidade coletiva do lugar, a necessidade urgente de reavivar esse lugar e retornar a algumas das tradições culturais que demarcam nosso senso de coletivo. Assim surgiu o projeto Memórias do Compra Fiado, a que me dedico com uma paixão

inigualável e trouxe resultados incontáveis para mim e para a Vila Compra Fiado, a começar pelo seu status de Vila.

Com o projeto, acompanhado de uma associação de moradores, fomos capazes de revitalizar o espaço onde os pés de jatobás estão localizados: o prédio histórico da nossa associação, datado do início dos anos 80, exigir perante o poder público direitos políticos da comunidade, entre tantos outros. Do ponto de vista mais subjetivo, a nossa casinha de livros, o fomento do fluxo de leitores pela e na comunidade, a recolha de diversas histórias que circulam na nossa oralidade em livros, a criação de eventos e retomada de festas tradicionais, e o fortalecimento da identidade cultural coletiva da comunidade, são frutos que se destacam.

Em suma, o trabalho desenvolvido para a comunidade e pela comunidade trouxe resultados exímios e eu tenho um orgulho desprezioso em dizer que faço parte dessa história. No tangente ao mestrado, eu concluí no 22 de dezembro de 2022, apresentando a pesquisa para os meus familiares e amigos. A defesa da dissertação ocorreu debaixo das árvores icônicas da Vila Compra Fiado. Como produto da pesquisa, o meu primeiro livro, “Histórias que Nascem Debaixo dos Pés de Jatobá”, já tem duas sequências por vir, seguindo essa proposta de memórias temáticas para a literatura infantil.

Galgar essa importante conquista foi uma felicidade multifacetada, não só pelo significado que é o título de mestra em educação, mas pela formação ter me trazido de volta ao meu lugar e firmado meu papel como escritora. O próximo passo, naturalmente, é o doutorado, que já está em planos para o futuro próximo, como um amadurecimento da pesquisa previamente

desenvolvida no mestrado, focando nas vivências e histórias intergeracionais tão fortemente presentes na Vila Compra Fiado.

ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS QUE PERCORRI, AINDA CABE SONHAR! A HISTÓRIA DE UMA PEDAGOGA.

Joice Maria de Souza Ferreira

Sou Joice Maria de Souza Ferreira, hoje professora e psicopedagoga, sou filha da dona Fátima, fui criada pela avó Nilza. Sou mulher, 45 anos, casada há 28 anos. Tenho um único filho que se chama Matheus, meu esposo é o Assis. Moro na cidade de Barbalha, no estado do Ceará, desde que nasci que resido nela, tive oportunidades também de morar em Guarujá – São Paulo (1995 a 1999), Lauro de Freitas – Bahia (2002 a 2005), e Fortaleza por períodos curtos.

Hoje trabalho na Educação Infantil, como técnica, na secretaria de Educação do município de Juazeiro do Norte, nesse mesmo município já passei dando minha contribuição na Educação Inclusiva, quando estive na sala do AEE (ano de 2021), e o mesmo fiz quando estive por quatro anos na sala do AEE de uma escola no município de Barbalha, o qual sou professora concursada.

Tenho uma pequena família, somos 3 – eu, marido e o filho, complementada por minha mãe e meu irmão. Sendo que a árvore genealógica da família é extensa, tendo pessoas de diversas décadas, ainda vivas, que compõem a história da nossa cidade.

Atualmente trabalho com algo que a pedagogia me oportunizou, que é a Educação Infantil, uso sempre uma pequena citação sobre o trabalho que diz assim: “gosto do que faço, porque faço o que gosto” e nesse sentido ressalto que trabalhar na minha área me proporciona satisfação e mérito pela oportunidade que tenho de contribuir na educação do município. No que se refere ao tema dessa narrativa: busquei na memória do tempo para compor essa escrita, o que relato com falhas o percurso até chegar no curso de pedagogia, vou narrar como realmente aconteceu e peço desculpas por usar termos populares, pois eles me acompanharam e me acompanham até hoje. Pois bem, a trajetória ao curso de pedagogia se deu de forma inusitada: havia eu chegado da cidade de Lauro de Freitas, (dias difíceis e muito delicado dentro do contexto financeiro e familiar) era fevereiro de 2005, e ao passar de ônibus vi a faixa que falava de cursinho pré vestibular ofertado de forma gratuita, sendo que precisava fazer inscrições, etc. Cheguei na casa de minha sogra, e falei pra ela, de imediato ela disse: “levo teus documentos “, e assim fez, concorremos através de uma prova para as vagas, consegui entrar e fui fazer esse cursinho, precisava, afinal havia deixado o ensino médio em 1998 – olha que tempo!

O cursinho se deu no primeiro semestre do ano de 2005 e fui a cada aula, adquirindo a vontade de fazer a Pedagogia, lá nos apresentaram todas as licenciaturas e suas funcionalidades, também apresentaram às exatas, mas minha identificação era para pedagogia. Em todos os simulados tirava ótimas notas, que me levou a ouvir de professores que eu fizesse Direito que daria certo entrar. Porém, eu dizia afirmativamente: “farei pedagogia – onde poderei dar aulas e ensinar, que é o que eu quero.”

Passo o semestre no cursinho, me inscrevi para fazer o vestibular da URCA – ainda num tempo sem tantas tecnologias

acessíveis, fomos ao Crato pedi isenção para doador de sangue e fazer a inscrição, era 2005 e tudo era diferente naquela situação, pessoas de várias cidades, filas para preencher ... era novo pra mim. Fiz o vestibular, dias depois saiu o resultado na rádio, naquele tempo citava o curso e os nomes, muito legal não é! Enfim moro em cidade pequena, e ouviram meu nome na rádio e avisaram-me e fui a um único lugar que tinha internet para averiguar no site da URCA, esse lugar se chamava Ilha Digital, programa do governo do estado que proporcionava acesso à internet (era um “cyber” social) se pagava R\$0,25 centavos para ter acesso a uma hora de navegação. Chegando na ilha digital pedi para moça fazer o acesso, não tinha habilidade e nem prática naquela época, ela assim o fez, puxou as informações e imprimiu, para meu contentamento meu nome estava na lista do Curso de Graduação em Pedagogia – período da manhã – era o 5°. Lugar, fui felicitada pela moça e ao sair dali anestesiada. Passei, meu Deus passei, uma lágrima escorreu dos olhos e percebi que estava começando outro espaço de tempo na minha vida, fui pensar como iria já que a faculdade era em outra cidade, meu filho era pequeno, fui para casa pensando nas soluções para que eu pudesse ir estudar, estava sem emprego, sem trabalho, vivíamos das economias que trouxemos, o que não era farto, pois tínhamos que dividir para 9 pessoas quando não pra 12, era assim... família nordestina.

Finalmente cheguei no mundo URCA, conseguimos o ônibus escolar dado pela prefeitura, tudo, absolutamente tudo diferente do que eu já tinha vivenciado até aqui. As colegas eram de várias cidades, com contextos históricos diferentes, mães, casadas, solteiras, jovens, com meia idade, era um misto de cultura, ricas, pobres – era uma diversidade. O primeiro semestre como acontece em todo curso, foi o semestre de reconhecimento de espaços e singularidades, de identificação e principalmente de escolhas, vamos amadurecendo a cada escolha. E formamos

um grupo de amizades para todos os trabalhos, alegrias e choros, caminhamos no espaço do aprender, e tivemos alegrias e decepções com o outro e conosco mesmo! Isso é aprender!

Nossos docentes eram os melhores da universidade, mestre e doutores recém voltados de suas licenças e cheios de muito entusiasmos, foi o primeiro semestre que mais marcou nossas vidas, nosso “jardim de infância pedagógico”. Lá aprendemos que poderíamos ir bem além do que era proposto, Tolovi – um filósofo extraordinário nos trazia falas que nos levava à reflexão do ser, Clara era a Pedagoga que mais me identifiquei, pronta, forte e pulsante. Lorival Luciano (in memória) foi fantástico com sua fala simples, tivemos o professor já uma idade avançada chamado Bezerrinha – ele era providencial! Passamos por Zuleide, esplêndida, articulada e articuladora, ela era pronta. E com isso fomos nos moldando a reconstrução de novas ideias, novos conceitos, novos nós!

A URCA em si, era um celeiro de diversidade, de mundos e muita coisa diferente do que fui acostumada a ver, lá tive acesso a internet, usava muito o laboratório de informática, habilidade para digitação eu tinha pela prática do curso de datilografia, mas o acesso aos sites fora sendo apropriados no manuseio diário e necessário para realização dos trabalhos e pesquisas que éramos colocados a fazer. Foi nela que participei de eventos, como também de programas estudantis, visando a bolsa para me manter, era tempo de muita necessidade financeira, estava desempregada e com filho pequeno, então me candidatava a toda bolsa que aparecia, isso me ajudou a manter a pagar despesas e ajudar na manutenção da alimentação do meu filho, foi quando apareceu a oportunidade de fazer o concurso público para uma função de ensino médio, fui pensando em ter uma renda até o final da faculdade, era um tempo muito difícil pra nós, havia o desemprego para mim, para meu esposo

e nosso filho era pequeno, assim fiz o concurso e passei, pouco tempo depois fui convocada para assumir e assim conheci a realidade da escola pública, me mantive na função de assistente de serviços gerais por três anos, pensava eu sempre ter a oportunidade para concurso para minha profissão, afinal estava me encaminhando para conclusão em pedagogia.

Era tempo de mudanças no país, no Ceará e na região do Cariri, fomos juntos, a cada semestre moldando-nos, amadurecendo e principalmente criando vínculos umas com as outras, foi o tempo “das realidades” e por assim dizer de fatos vividos para nossa aprendizagem. Cursamos quatro anos de muitas cadeiras, a cada semestre mais conhecimento, mais amadurecimento, passamos por duas greves, participamos de atos públicos em busca de melhorias para a universidade, fomos às ruas! Fizemos nossa parte como cidadãos, ao mesmo tempo que lutava na minha cidade pelo transporte público, pois o prefeito não queria fornecer para estudantes de universidade, tivemos que fazer protestos, falas e solicitar audiências com a secretaria de educação e vereadores para que pudessem nos ajudar a garantir o direito, e assim conquistamos “na luta” e garantimos assim nosso futuro. Foi tempos de experiências e muita busca, criamos a MUB – Movimento Universitário de Barbalha, por aclamação demos início a diretoria que lutava e falava pelos universitários, foi muito boa essa experiência, que foi delegado posteriormente a outros acadêmicos pois o nosso ciclo já se encerra na graduação.

No caminho do tempo , passamos os quatro anos e com isso veio a oportunidade da minha vida, concurso para professora na cidade de Juazeiro do Norte, eram dez vaga, eu dizia: “ uma vai ser minha, foi ao mesmo tempo que estava faltando três meses para concluir o último semestre da graduação, mesmo assim fiz, algo me dizia que ia dar tempo

concluir, ter o certificado e assim assumir o concurso, com esse pensamento estudei e ficava “ pensando nas vagas, eram poucas , mas eu precisava só de uma... “

Fiz a prova, passou o tempo, o resultado saiu no mesmo tempo que íamos encerrando no semestre, e tudo foi se encaixando nos pedidos que tinha feito a Deus, tirei o quinto lugar no concurso, e concluí a graduação em outubro de 2009. Estava agora pronta para contribuir com a educação do país, muita ideologia formada, muita experiência vivida, muito sofrimento superado, eu era professora, eu era pedagoga! A primeira da família!

Meses depois, para ser mais precisa, em março de 2010 assumi a sala de aula, com esperança e muita força de vontade, abria pra mim, naquele momento, um leque de oportunidades e vivências que precisaria um livro para relatar, pois sendo pedagoga, pude perceber a cada sala de aula que fui lecionar como nossa região é diversa, rica e maravilhosa. Tive, também, decepções pois o serviço público não é entendido como público e sim como político, tive muitas alegrias e satisfação com cada avanço de alunos que superavam suas diferenças sociais, são vivências extraordinárias. A graduação em pedagogia me trouxe grandes possibilidades, com o curso pude me tornar quem eu desejei, mudar minha vida social e financeiramente. Construí novos objetivos e pude traçar uma vida acadêmica mais pautada para aquilo que ia identificando minha atuação, pude cursar uma especialização em Psicopedagogia (2011-2013), tendo em mim a solicitude de ajudar as crianças com deficiência e dificuldade na aprendizagem, o curso de Pedagogia me abriu portas, me possibilitou vida diferente e melhor do que havia imaginado, me deixou aprimorada para o exercício da função como professora e cidadã.

No que se refere a conclusão da graduação, ela me fez pedagoga, professora concursada em três municípios, psicopedagoga, iniciei a carreira dentro da Pedagogia, iniciei com 28 anos , e agora com 45 e dentro dessa narrativa tive a oportunidade de pensar no tempo dedicado, do tempo utilizado e de tantas vitórias conquistadas, contar um pouco do meu percurso me trouxe memórias, já guardadas, e que me fizeram ver o tamanho do caminho percorrido e como foi extenso, e como é valioso, *“a narrativa é possibilidade de vivenciar em palavras aquilo que nos foi vivido em emoções!”*

Somos propulsores, não paramos, e nesse sentido além de exercer a minha função, tenho planos de cursar o mestrado, para qualificar minha carreira, construir minha clínica própria, já tenho os grupos de estudos para atenuar nosso conhecimento e faço parte da Associação Educativa, a qual realizamos atendimento social para crianças e pessoas carentes.

Sobre sonhos, os meus foram realizados durante o caminhar da minha carreira, consegui com a graduação em pedagogia, muito mais do que havia sonhado, pois como dizia Vygotsky: “a natureza determina que o homem tenha necessidades, e a história, por sua vez, determina quais são essas necessidades.” Decorre então que pude sonhar de forma palpável, adquirir experiência nas muitas funções que a história me presenteou, passei pela sala de aula com crianças pequenas, fui da Sala do AEE, já atuei com adultos (EJA), estive na gestão de escola, tutora por quatro anos do IFCE e como psicopedagoga institucional, muitas funções... mesma dedicação por aquilo que faço, não me detenho ao que não se pode fazer, me agarro as possibilidades que dar pra fazer.

Atualmente, desempenho a função técnica de Formadora da Educação Infantil, como também sou tutora de uma instituição privada, que é nacionalmente conhecida, meus projetos se encaminham para o cuidado comigo e com minha saúde, já se vão treze anos que não parei mais após a graduação e isso me trouxe alegrias, desafios e muitas vivências, não seria desnecessário afirmar que me trouxe a melhor coisa para um ser humano: uma vida boa!

Sou imensamente grata e feliz por ter percorrido todo o caminho que fiz, e que a graduação em pedagogia me trouxe a oportunidade de ter a profissão e é com ela que construir minha história, construí o meu caminho e me tornei uma pessoa melhor para esse mundo, e nesse sentido posso afirmar que ser professora me faz acreditar que nosso país tem jeito, acredito na esperança de dias melhores e acredito que podemos fazer mais do que já está posto, pois acredito que podemos ser bem melhores hoje, quando sabemos que fomos bons ontem.

ELA TEIMOU E ENFRENTOU O MUNDO

Cicera Cosmo de Souza

Em 05 de setembro de 1986, (não sei precisar a hora) nascia no sítio Areias localizado no distrito de Quincuncá, na cidade de Farias Brito-CE, uma menina, pelas mãos de uma parteira que também era da família. A criança nascera do ventre de uma mulher pobre, negra e semianalfabeta que na época “gozava”, da mocidade ingênua de seus 17 anos. A criança, foi fruto de uma relação extraconjugal que o seu **genitor** tivera fora do casamento.

No calor e na inocência da gravidez, sua mãe não tinha nenhuma condição maturacional de pensar em nada sobre o destino daquele ser que acabara de nascer. Relação nenhuma com o genitor possuía, aliado a isso se tinha o preconceito da época de ser mãe solteira. (nos dias de hoje, mãe solo). O que fazer? Que destino teria essa criança? Algo primordial, COMO ELA SE CHAMARIA? Movidos pela fé, e vendo se tratar de uma menina, deram-lhe um nome em homenagem a um santo como era costume na época.

Questões legais precisavam ser tomadas, registro de nascimento por exemplo. Como fazer tal documento, sendo essa criança uma filha “sem pai”. E pegando a modinha das 5 curiosidades do Instagram. Vai uma, no registro a referida menina é irmã da sua mãe biológica. Como? A solução encontrada pelo seu avô materno (SEU PAI), foi registrá-la

como filha, tirando assim daquele ser indefeso o estigma de ter na sua certidão: FILHA DE PAI IGNORADO.

Com muitas dificuldades, a menina foi crescendo aos cuidados e afeto da avó Esta, não lhe deu a vida na placenta, mas cuidou, zelou e alimentou no ventre DA ALMA. Cuidados e amor, que sem dúvida transcenderão vidas e vidas ecoando pela eternidade. A menina cresceu e aos 07 anos mudou-se junto com a família para uma localidade vizinha, o distrito de Quincuncá tendo, como um dos motivos da mudança, os estudos. Este que lhe faltava no seu seio familiar, mas, que sempre foi visto como algo importante.

Apesar da tenra idade, as lembranças desse dia, marcaram a sua memória. A mudança foi feita altas horas da noite, em um caminhão. E além de poucos objetos como cadeiras de couro, mesa de madeira, e uma cama com colchão de palhas. Na bagagem vieram porcos, e dois cachorros “Rogante e Gigante”.

Chegou-se a casa nova, Rogante e Gigante assustados com a luz elétrica, correram desesperados, porcos gritavam. (isso praticamente de madrugada). Foi um dia bem agitado. Mas, no final deu “tudo certo”.

Casa nova, vida nova? Que destino esse novo lugar reservava para nossa menina? Quase nada mudou, a vida continuou sofrida e agora já com 07 anos ela se dividiria entre a ida a escola, e a ajuda no roçado do seu pai. Outra curiosidade, a danada sempre estudou pela manhã durante todo o Ensino Fundamental. Fato que lhe dava a incumbência de levar o almoço para roça (não tinha como escapar), E LÁ FICAR!

Mas, mesmo com os desafios, ela cresceu e aprendeu. Foi alfabetizada logo, gerava até certo espanto quando comparada com outras crianças que já tinham tido acesso à escola.

Ensino Fundamental concluindo com sucesso! Agora era a hora de mudar de escola, tudo seria novo. Mas, ela queria ir além, queria novos conhecimentos, outras vivências. Ingressou no 1º ano do Ensino Médio em 2001. Tudo muito tranquilo, os sonhos e perspectivas já ganhavam outra roupagem. Mas veio em 2003 e aos 16 anos cursando o 2º ano, a nossa menina, “Agora forçadamente mulher” descobriu que estava grávida.

E agora? Pelos cálculos ela se tornaria mãe também aos 17 anos, assim como foi sua GENITORA. Teria nossa menina o mesmo destino da mãe? Que perspectivas ela teria? Como ela mudaria a realidade tão complexa que a rodeava? Estaria ela fadada a reproduzir as condições de sofrimento, pobreza e descasos como a maioria das mulheres POBRES e NEGRAS desse país?

No dia 10 de outubro de 2003, às 22 horas, a nossa menina mulher, trouxe ao mundo uma linda criança, esta diferente de sua mãe nascera com amparo médico, e como auxílios que denotava uma vivência diferente. Com nome, que traz em seu significado: “delicada como uma flor”. A flor Iasmin, trouxe luz, esperança, amor e acima de tudo coragem. Coragem para não aceitar o destino que a vida claramente lhe reservava.

Agora a vida da nossa personagem, não mais era uma. Seus sonhos necessitavam de um novo direcionamento. Não seria fácil, visto que agora de fato responsabilidades de “GENTE GRANDE” a assolavam. Casa, filha, marido. E os estudos?

Seriam esses abandonados? Não, depois de uma pausa de 01, ela conseguiu concluir o Ensino Médio. Esta não foi uma tarefa fácil, ter que dividir entre casa, filha, escola e ainda ajudar nos afazeres para e o sustento da casa.

Ensino médio concluído, o que fazer? Ela sempre foi apaixonada pelo o mundo das letras, e queria ser professora de Língua Portuguesa. Em 2007 veio o primeiro vestibular. Este não foi acometido de êxito. Certa vez, ela ouviu que existia um curso chamado pedagogia, e que era fácil o ingresso. Movida por transitar pelo caminho mais acessível, em 2008 veio o segundo vestibular. Dessa vez para pedagogia. Resultado: 12º LUGAR, APROVADA!

Euforia, alegria, uma felicidade enorme tomou conta da nossa personagem. Mas, a realidade é dura, e assim como sempre, muitos desafios a esperava. Curso concluído com sucesso no ano de 2012. Dentro do prazo de 4 anos e meio. Aluna aplicada que não traz em seu histórico nenhuma AVF, e só umas duas notas 07.

O processo da graduação, como tudo que é novo, causou bastante estranhamento no início. Por várias vezes, inquietações vieram à tona sobre o que estar fazendo naquele ambiente. Ambiente esse, totalmente aquém da realidade a qual a nossa personagem tinha vivência. Os estranhamentos, se davam principalmente na questão metodológica das aulas, aliado às dificuldades de cunho técnico, uma vez que já tinha um tempo significativo do término do Ensino Médio (03 anos).

Foram diversos os desafios enfrentados durante o curso de pedagogia, soma-se ainda aos elencados acima, a distância percorrida todos os dias de casa até a Universidade. 11 km do

distrito de Quincuncá até a sede do município, e 45 Km de Farias Brito até a cidade do Crato. 112 Km percorridos durante 09 semestre de aula. O transporte se dava em D20 e topique. Para fazer esse percurso, o dia começava muito cedo às 04 horas da madrugada era preciso acordar e comer algo, (algo que nem sempre era possível o preparo, muitas vezes por falta) para aguentar a rotina de estudo. As macaúbas e jambos da URCA, por muitas vezes foram o alimento no momento do intervalo. Visto que, o pouco dinheiro que tinha era destinado a xerox.

Mesmo diante das dificuldades, aos poucos o curso de pedagogia foi ganhando espaço afetivo, a rede de apoio de colegas e professores encorajava a não desistir. É preciso ressaltar que as pessoas que passam por nós sempre deixam algo, nem sempre positivo. Mas, deixam. Dentre os que marcaram, destaco minhas colegas/amigas: Maria Alessandra, Hinara Juca, Ana Paula Santos, Rosenilda Pinto e Laiane Rodrigues.

Com relação aos docentes, todos sem exceção contribuíram de forma significativa para a minha formação. Para não cometer o esquecimento de citar alguns. Registro a minha relação com o Professor Dr Manuel Pina, o qual tenho grande carinho e admiração (meu pai da URCA). Foi este senhor de sotaque português de Portugal que esteve comigo em momentos marcantes como as aprovações em concurso e na seleção de mestrado. Assim. Faço questão de ressaltar nesse escrito a importância que Manuel Pina teve na minha formação, não só acadêmica mas humana e política, a ele minha reverência e respeito.

O curso de Pedagogia foi uma das experiências mais significativas que vivenciei, foram várias transformações ao longo de 4 anos e meio. Experiências não só de cunho formativo,

mas principalmente humana. A pedagogia fez eu me descobrir enquanto pessoa, mãe, amiga, mulher. Descobertas que sem dúvidas foram substanciais para a construção da minha identidade docente.

Continuando com os feitos da nossa personagem. Em 2009 ela conseguiu sua primeira estabilidade profissional “CONCURSADA NA PREFEITURA DE FARIAS BRITO” Auxiliar de Serviços Gerais: função de merendeira escolar desempenhada por dois anos em uma escola de Educação Infantil.

Um ano depois de concluir o curso de pedagogia, ela já trazia em seu histórico aprovações em concursos municipais para o magistério. No ano de 2014 retorna ao berço de sua formação acadêmica como professora substituta na Universidade Regional do Cariri-URCA, instituição de muitos afetos e memórias, que remetem vários sentimentos, com destaque a ousadia.

Ideias ousadas são como as peças de xadrez que se movem para a frente; podem ser comidas, mas podem começar um jogo vitorioso.

Johann Goethe

E foi com essa ousadia que “*Ela teimou e enfrentou o mundo*”. A menina de outrora, cheia de medos, agora era uma mulher empoderada e dona si. Empoderamento, conquistado a

base de muito choro e renúncias. Choros, que o céu da cidade de João Pessoa presenciou, lugar palco de uma das suas maiores conquistas. O MESTRADO. (ano 2016), na Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Voos inimagináveis, que vão de encontro com a lei da dominação, em que o sujeito já nasce determinado para dominar ou ser dominado. Como diz Paulo Freire, somos seres de POSSIBILIDADES, e a realidade que está posta é mutável, nada é estático, somos seres de transformações, nos fazemos/refazemos a cada dia. A partir das relações e do meio que estamos inseridos.

O mestrado foi a concretização de um dos meus maiores sonhos, mas assim como a graduação vários desafios me acompanharam. O mais doloroso, foi ter que ausentar-me do meu seio familiar, mais precisamente à distância da minha filha. Minha residência por 09 meses em 2016 foi no bairro Bancários em João Pessoa, a cada 15 dias eu retornava para o Ceará. O retorno para a Paraíba era sempre doloroso e cheio de saudades. No entanto, ver minha filha me dava forças para continuar e persistir no meu sonho.

No mestrado fiz amigas/irmãs (Graça Lima e Vanusa Daniel), elas foram meu aconchego nos momentos de medos e angústias. Ainda sobre os desafios, enfatizo a pesquisa. Esta foi realizada na minha cidade, em que eu tinha que conciliar uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Pois, devido ao estado probatório, não consegui afastamento com remuneração. No percurso investigativo enfrentei a mudança de orientador, fato que acarretou um desgaste psicológico enorme. Porém, depois entendi que o universo reservou para mim, seres de luz para caminhar comigo no processo de escrita: a professora Dra Maria Nazaré Tavares Zenaide(orientadora) e a professora Dra Maria Dulcinea da Silva Loureiro (coorientadora). Sobre a coorientação, não posso deixar de enfatizar a relevância de

Dulce na minha trajetória acadêmica. Esta que esteve comigo na escrita monográfica, e foi meu suporte em todos os sentidos no processo de construção da dissertação.

Continuando as memórias, trago o relato de uma senhora que gozando de memória invejável na mocidade dos seus 82 anos. E também para revelar quem é essa personagem tão ilustre. Dona Neusa, com orgulho que brilham nos seus olhos diz: “Minha filha se lembra que quando tu eras pequena me perguntava “mãe será que eu vou ser uma professora? E eu dizia: vai!!! Se Deus quiser você vai”. Como dizem: dona Neusa falou pela boca de um anjo. Se bem que prefiro acreditar na força do amor e da fé que ela traz consigo na sua imensa generosidade. A filha de Antônia Marcos de Souza (Dona Neusa), e Seu Raimundo Cosmo(in memoria) de fato se tornou uma professora. Para muitos(talvez) só a professora Cícera, mas, para aqueles que me têm afeto, para tantos outros, e **PRINCIPALMENTE PARA ESSA QUE VOS FALA, EU SOU ORGULHOSAMENTE A PROFESSORA CICERA COSMO.** Grata pela vida, e por todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Cícera Cosmo, mãe de Iasmin Cosmo, meu bem mais precioso. Por quem luto de forma incansável. Iasmin, trouxe luz para minha vida, ela hoje é uma menina/mulher de 19 anos, que me inspira com sua disciplina e senso de humanidade. A cada dia ela cresce em sonhos e caráter, fato que muito me orgulha. Atualmente ela cursa o 2º ano de cursinho com foco na formação acadêmica em medicina. Não tenho dúvidas que ela será uma profissional competente e humana. Visto a preocupação e militância que vejo despertar cotidianamente nas suas ações para com a realidade.

O sonho de Iasmin, é grande, não falo por questão de status. Mas, pela elitização que acompanha o curso de medicina no Brasil, em que aqueles oriundos da classe trabalhadora ainda enfrentam grandes barreiras de acesso. Assim, por um tempo meus sonhos e planos para o futuro estão guardados de forma cuidadosa e vigilante. Uma vez que, meus esforços e trabalho no momento estão canalizados para a concretização dos objetivos da minha filha.

Dos sonhos guardados, estão o doutorado e o concurso efetivo para docente no Ensino Superior. Na terapia, a psicóloga indagou-me sobre como eu vejo a Cícera Cosmo no futuro... E rapidamente respondi: eu me vejo Doutora em educação, concursada como professora em uma universidade e com Iasmin médica. Tenho muitos sonhos, e acredito que os sonhos são a essência da vida. Logo, essa narrativa não termina aqui, já que me reconheço como um ser de metamorfoses.

RETALHOS E MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA NEGRA E CAMPONESA FORMADA EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Luana Ricarto da Costa

Enveredar na narrativa que permeiam o nosso percurso formativo, colocando em evidência a trajetória que nos apresenta ao mundo enquanto sujeitos protagonistas de nossa própria história, é sobretudo, nos permitir falar de nossa vida, profissionalização, trabalho e experiências coletivas, bem como, adentrar nos desafios que atravessam esse processo de autoconstrução. E embora saibamos que essa não é uma tarefa nada simples, compreendemos que adentrar nesse diálogo, é antes de tudo, envolvermo-nos nas memórias afetivas que tocam de diversas formas o nosso íntimo, na certeza de que nossas vivências precisam ser resgatadas, ainda que, sejam elas, memórias pautadas em sentimentos ocultos difíceis de serem rememorados.

Contudo, ainda que seja uma tarefa complexa temos a certeza de que rememorar é o ato mais bonito de reviver a nossa história, pois como menciona Bergson (2011) voltar as nossas recordações é como se estivéssemos vivenciando tudo outra vez, sentindo que tudo aquilo que é memorável ainda está vivo dentro de nós. E ainda que nossos passos se configurem dentro de uma jornada compartilhada, sabemos que as lembranças fazem parte da subjetividade de cada indivíduo, ou seja, cada passo que damos, é singular. Por isso, no momento em que escrevemos

sobre nós estamos nos dispondo a partilhar uma trajetória de vida com cada um, e cada uma, que se permite conhecer as experiências do outro a partir de uma leitura deleite. Desde já, consideramos ser importante e necessário informar aos(as) leitores(as) que existem grandes possibilidades deles(as) se identificarem com os relatos que aqui serão apresentados.

Primeiramente, peço licença para que eu possa me apresentar: sou *Luana Ricarto da Costa*, mulher negra, camponesa, professora/pedagoga e militante dos movimentos sociais. Filha do casal Maria Socorro Ricarto da Costa e Geraldo Vilar da Costa, sendo os dois agricultores e vendedores de cajá. A pessoa que vos fala, é uma mulher cheia de sonhos e desejos, determinada a lutar diariamente a fim de conquistar espaços que não faziam parte de seu contexto familiar durante a sua infância e adolescência. Durante muitos anos minha rotina era baseada em estudar, colher cajá, vender o fruto, ir para roça, além de realizar serviços domésticos, tal como minha mãe solicitava. A nossa realidade financeira era muito difícil, mas, quero destacar que em momento algum eu senti vergonha de narrar minha história, pelo contrário, considero ter sido uma fase que devo lembrar como algo que me impulsionou a buscar um futuro melhor, com o objetivo de vencer as dificuldades financeiras que emergiram naquela época.

Nasci em 1996 na cidade de Crato, localizada na região do Cariri cearense, e cresci na zona rural desse mesmo município, especificamente no Sítio Palmeirinha dos Vilar, situado no distrito de Ponta da Serra. Uma comunidade marcada pelo conservadorismo, pela pobreza e principalmente pelo coronelismo. Todavia, essa mesma comunidade é também reconhecida pelo afeto e caridade, características marcantes desse lugar. Até os anos 2000 poucas eram as pessoas dessa localidade que estavam inseridas na universidade, seja ela

intuição pública ou privada, essa era uma realidade muito distante, principalmente para aqueles(as) que não tinham recursos financeiros.

Sobre minha família, destaco que tenho três irmãs e um irmão, sendo eu a mais nova dentre eles. Todas as mulheres são formadas em licenciatura (professoras/pedagogas/geógrafa), porém com o tempo uma delas optou por abandonar essa profissão com o objetivo de empreender, e acabou montando uma loja de roupas no centro da cidade. Ah! Meu irmão foi o único que não concluiu a educação básica, pois decidiu que seguiria a vida de vaqueiro, assim como meu avô paterno e meu pai, só que ele foi além, se tornando um profissional em vaquejadas.

Estudei durante toda a educação básica e ensino superior em instituições públicas, sendo elas: educação infantil e metade do ensino fundamental I na E.E.I.F Maria Santina da Conceição, a outra metade do fundamental I e o II na E.E.I.F José Bezerra de Brito, o ensino médio na E.E.M Joaquim Valdivino de Brito e por fim cursei o superior na Universidade Regional do Cariri (URCA). Foi uma jornada longa e muito árdua, assim como deve ser para milhares de brasileiros que se encontram em situação de pobreza ou extrema pobreza, em especial quando se trata dos filhos e filhas de agricultores(as), que na maioria das vezes são trabalhadores(as) analfabetos(as), assim como meu pai.

Minha mãe sabe ler e escrever, mas, não teve a oportunidade de concluir os estudos, em virtude de que precisava ajudar os seus pais na roça e nos trabalhos domésticos. Logo em seguida, ainda muito jovem, ela passou a cuidar da nossa família, não sobrando tempo para pensar em realizar os seus sonhos, por isso, somente depois de adulta, melhor dizendo,

de ser uma senhora, ela entrou na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para concluir os estudos, já que não teve a oportunidade no contexto anteriormente vivenciado. Diante disso, reafirmo a importância da EJA para a edificação dos jovens e adultos excluídos dos processos educativos na realidade brasileira. Assim, percebemos que essa iniciativa tem sido gratificante, na medida em que transforma a vida de muitas pessoas, visto que, como apresenta a Lei de Diretrizes e Bases (LDB)/1996 em seu **Art. 37**: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e ensino médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996, p. 66).

A minha irmã mais velha foi a primeira mulher da comunidade a acessar a universidade, sendo ela também a primeira pessoa de nossa localidade a passar no vestibular da URCA, onde cursou pedagogia, concluindo no ano de 2002. Mas, porque falar dela se a história, foco deste relato, é a minha? Justamente pelo fato de ter sido ela a minha grande inspiração para querer ingressar no meio acadêmico. Portanto, a minha história se constitui a partir das narrativas de minha família, já que, suas experiências reverberam intensamente na minha. Isso posto, ressalto que depois de minha irmã mais velha, outra irmã também conseguiu concluir o curso de geografia na URCA e posteriormente o de pedagogia. Por isso, eu tinha a missão de dar continuidade a esse legado que meus pais sempre incentivaram, mesmo não tendo acessado o ensino superior. Meus pais sempre nos fizeram entender que a educação era a porta de entrada para uma vida melhor do que aquela que eles tiveram. Dialogando assim, com Paulo Freire (2020) quando afirma que a educação deve ser um espaço que liberta e transforma vidas, edificando os sujeitos com base nos princípios humanitários que rege o processo formativo de cada sujeito.

Pois bem, dando sequência a minha narrativa destaco que ao concluir a educação básica prestei vestibular para o curso de direito na URCA, porém não obtive um resultado favorável, e foi aí que a minha irmã mais velha falou: “você deve fazer pedagogia, assim como eu, direito é uma faculdade de gente rica”. Isso nunca saiu da minha memória, pois, até então não era de meu conhecimento o fato de que havia essa divisão hierárquica. No entanto, segui o conselho dela, conseqüentemente, em junho de 2013 prestei vestibular para pedagogia, no qual, tive um resultado positivo, e nesse momento precisei acolher essa nova experiência. Então, no mês de agosto ingressei na universidade para cursar essa licenciatura, na época eu tinha apenas 17 anos de idade.

Ao ingressar na academia eu sempre dizia para todos os professores e colegas que só estava lá porque minha família tinha insistido, especialmente minha irmã mais velha, mas que iria continuar tentando vestibular para o curso de direito. Visto isso, passei o primeiro semestre apenas tentando me adaptar, fazendo amizades e conhecendo a estrutura da comunidade acadêmica, em contrapartida ficava naquele espaço o tempo todo alimentando meus sonhos de não ser professora, mas sim uma advogada. Entretanto, logo no segundo semestre tive a grande surpresa de sentir que estava apaixonada pelo curso e que era ali o meu lugar. As discussões teóricas faziam meus olhos brilharem, e a partir daí consegui enxergar o leque de oportunidades que teria ao concluir pedagogia.

Além de já estar encantada pelo curso, as amizades que fiz em sala de aula me faziam acreditar cada vez mais que meu pensamento estava errado, pois segundo elas, eu tinha uma tremenda vocação para ser professora. Isso porque, a minha forma de falar, de pensar, de agir e interpretar o mundo ecoava esperança no que diz respeito ao desejo de construir uma

educação emancipadora. Detalhe... meus professores do ensino médio também já haviam dito isso, eu que nunca dei atenção para tal informação.

Nas aulas de filosofia e sociologia da educação eu fiquei muito entusiasmada, resolvendo dar continuidade ao curso de pedagogia, tendo em vista que, as professoras das disciplinas eram maravilhosas, haja vista que elas sempre nos faziam perceber o mundo de forma crítica e reflexiva. E quando cursamos a disciplina de história da educação me vi totalmente ganha para a sala de aula. Surgindo então mais uma educadora ciente de que se faz o ensino e aprendizagem baseado em ações humanitárias, como bem nos aponta Paulo Freire (1996).

Apesar disso, sabemos que nem tudo é só flores em nossa vida, assim, a cada dia que se passava ficava ainda mais complicado me manter na universidade, dado que o dinheiro dos meus pais não dava para garantir o deslocamento, o custo se tornava inviável devido à dificuldade financeira que enfrentávamos. A distância de minha casa para chegar na URCA era longa, sendo especificamente 17 km de distância. Por isso, nós, estudantes do distrito de Ponta da Serra lutamos para garantir o ônibus escolar gratuito, uma vez que já compreendíamos a importância de as instâncias governamentais garantir o acesso e permanência dos indivíduos nas instituições de ensino superior, porém, a prefeitura sempre se negava a ceder o transporte, julgando ser da incumbência do estado e não do município. No entanto, depois de muito enfrentamento e conversação conseguimos a liberação de um transporte parceria do estado e município.

Porém, mesmo tendo o ônibus garantido, a situação ainda era insustentável, pois outros gastos ainda eram necessários. E

então tive que trabalhar na casa de minha irmã mais velha para conseguir dinheiro para as demais demandas, como por exemplo, as xérox, alimentação e recursos didáticos solicitadas em cada disciplina. Visto isso, nesse período eu estudava pela manhã, trabalhava à tarde e realizava os afazeres domésticos em minha casa no intervalo entre um e outro. Todavia, o importante naquele momento era não desistir da formação acadêmica, entendendo que seria ela a responsável pela minha inserção no mundo do trabalho.

Ao final do segundo semestre consegui uma Bolsa de Apoio Técnico em Pesquisa (BAT), cujo objetivo era compreender as condicionalidades do programa Bolsa Família instituído pelo governo federal, com o foco especialmente nas mulheres beneficiadas pelo mesmo. Foi um momento de muito aprendizado, embora tenha tido bastante dificuldades em me desenvolver dentro dessa área, já que era visível minha limitação no que diz respeito à leitura e escrita, já que existia um déficit que parecia ser irreparável. Nesse momento entendi que ser pesquisadora não era uma tarefa tão fácil, pois precisava de disciplina, dedicação e muito interesse pelo objeto de estudo. No entanto, mesmo com os obstáculos expostos tive a sorte de ser orientada por uma professora maravilhosa, que teve paciência com o meu processo de aprender a ingressar no âmbito da pesquisa. Ela foi me ensinando a realizar entrevistas, fazer inscrições em congressos locais, estaduais e nacionais, avançar na produção de artigos e principalmente não desistir de realizar meus sonhos. Diante disso, consegui manter a bolsa, o que foi muito importante já que estaria me possibilitando continuar no universo acadêmico.

No semestre seguinte parei de trabalhar na casa de minha irmã e me concentrei nos estudos, e para minha surpresa surgiu

mais uma oportunidade, que foi ser monitora do Programa Mais Educação na E.E.I.F Maria Santina da Conceição. Foi então, um momento marcante, pois retornei ao meu primeiro espaço educativo, mas agora com a função de contribuir no ensino e aprendizagem dos alunos, foi deveras muito gratificante. Dessa forma, no terceiro semestre eu estava cursando as disciplinas pela manhã, sendo monitora dois dias da semana a tarde e bolsista na universidade nos demais horários. Era uma semana muito intensa, mas, apenas com essa disposição conseguiria conciliar as atividades e melhorar minha condição financeira.

Voltando às lembranças que tenho em relação às disciplinas cursadas, recordo que algumas delas sempre me marcaram mais que outras umas pelos sofrimentos que nós enquanto estudante compartilhávamos já que a pressão psicológica do docente sobre o alunado era enorme, e outras pela leveza de se discutir questões tão urgentes e necessárias voltadas para o âmbito educacional. Havia aulas que geravam uma grande confusão em nossa mente por trazer temas de forma engessada, enquanto outras despertavam o senso crítico, reflexivo, criativo e emancipador.

Essa é a grande dicotomia existente ainda hoje na universidade, por isso, hoje fico me questionando: Será que um dia a educação superior terá bases firmadas efetivamente dentro de um viés libertador como tanto almejou Paulo Freire em seu livro “Educação como prática da liberdade”? Chegaremos a uma realidade em que aprendizagem do educando terá mais importância do que as relações hierárquicas e de poder que giram em torno do meio acadêmico? Essas são incógnitas que levarão um bom tempo para chegarmos a alguma conclusão que seja de fato coerente, o mais provável é que nem chegaremos a um ponto definitivo.

Além disso, é relevante pontuar que os estudantes, assim como os professores, também são seres individuais, que se constroem de forma única. Por isso, confesso que o terceiro, quarto e quinto semestre foram os mais complexos no que concerne a boa relação entre os acadêmicos, pois a turma já não era mais tão unida, os professores se apresentavam mais rígidos, além de ser o momento em que se iniciavam as pressões sob os estudantes para que eles construíssem projetos de pesquisas que resultariam na produção de uma monografia exigida como trabalho final para conclusão do curso.

Com isso, ainda no terceiro semestre elaborei um projeto de pesquisa no qual o objeto de estudo era voltado para as mulheres, educação e o Programa Bolsa Família, já que esta era a temática que estava estudando enquanto bolsista. A professora responsável pela disciplina em que foi solicitada a escrita do pré-projeto era simplesmente encantadora, orientava os educandos individualmente e explicava cada etapa de forma minuciosa, pois para ela era importante que pudéssemos entender que pesquisar deveria ser algo prazeroso, muito embora exigisse determinação para enveredar nos caminhos do tema escolhido. Bom, o resultado é que fui aprovada com nota máxima, o que me deixou bastante animada para dar sequência na produção de minha monografia.

Mas, veio o quarto semestre, momento em que passei por um grande trauma, lembram do pré-projeto aprovado com êxito na disciplina que citei anteriormente? Pois é, na disciplina seguinte o professor recém-chegado na universidade parecia ter a necessidade de mostrar para que veio, exigindo ser respeitado através de brutas interações com os alunos. Todos nós assustados com sua postura, tentávamos fazer o máximo para não sermos prejudicados. Só tivemos feedback de nosso trabalho ao final do semestre, e pasmem, eu estava reprovada, aquele pré-

projeto aprovado com um dez, agora, depois de alguns ajustes solicitados recebeu a nota dois. Com essa situação chorei desesperadamente, pois cada vez que olhava para meu trabalho me sentia inferiorizada, sem capacidade e humilhada, já que nunca havia reprovado em toda a minha vida de estudante.

Com o coração pulsando tristeza, fui à coordenação pedir revisão de nota, e o professor enfurecido acabou me dando uma nota sete somente para não enfrentar um problema. Mesmo assim, continuei triste, minhas amigas me consolaram e algumas professoras também, e o que mais me doía era o fato de ter participado de tantas manifestações para que professores assumissem o concurso e ao final eu fui a primeira prejudicada por ele (risos). Porém, reconheço que as mobilizações eram necessárias e que meu espírito de luta é uma característica positiva em minha vida, o único problema naquele momento, era a decepção insuperável de vivenciar experiências ruins com professores que tinham o ego elevado. Hoje, lembro-me dessa situação como um exemplo a não ser seguido em minha profissão, afinal, tudo é aprendizado.

Por conseguinte, passamos para o quinto semestre, que estaria sendo mais um período complicado para mim, isso porque tinha encerrado minha bolsa na universidade, como também a monitoria do Mais Educação. Ou seja, estava eu ali sem condições financeiras, precisando de ajuda para continuar a jornada acadêmica. Então coloquei meu currículo na seleção para cuidadora de vida no município de Crato, e consegui um trabalho de meio período cuidando de uma criança com deficiência intelectual que foi matriculada na escola Maria Santina da Conceição. Nesta ocasião senti que ali seria um teste para ver se eu realmente estava disposta a enfrentar qualquer obstáculo para conseguir o certificado de pedagoga. Isso porque, não tinha maturidade suficiente para cuidar de uma criança com

traços de agressividade, mas para minha surpresa foi uma experiência muito gratificante, aprendi a não julgar uma situação antes de vivenciá-la.

Contudo, sempre acontecia seleção para novas bolsas na universidade, e então me submeti a participar de uma delas ofertadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), ao mesmo tempo em que também participei de uma seleção para monitoria de sala de aula, lembro que era para subsidiar a professora de avaliação educacional, outra disciplina que muito me chamava atenção. Passei nas duas seleções, mas fui chamada primeiro para a de monitoria, assumi por uma semana, e logo depois me chamaram para o PIBID do fundamental I, o qual aceitei, pois para mim seria uma experiência mais exitosa, já que estaria tendo contato direto com a sala de aula da educação básica, espaço em que iria atuar futuramente. Foi assim que abandonei o emprego de cuidadora e voltei a me dedicar às oportunidades no meio universitário.

A vida continuou e veio então o sétimo semestre repleto de novas oportunidades, e sem muito pensar me matriculei mais uma vez em sete disciplinas (fiz isso no quinto e no sexto também), na tentativa de chegar no nono semestre apenas com a monografia para escrever e apresentar. O que eu não sabia era que passaria na seleção de estagiária na escola Educar SESC-Crato, e mais uma vez tive que me reorganizar. Desse modo, estudava pela manhã, era estagiária à tarde e pedi remanejamento para o PIBID-EJA, que era desenvolvido dois dias à noite. Isso me fez entender que ser jovem é mesmo uma loucura, a gente não se cansa de estar em movimento, e sempre buscamos ocupar cada minuto...eu não me dava conta do quanto essa rotina era intensa no meu dia a dia.

Consegui dar continuidade ao estágio, a bolsa do PIBID e todas as disciplinas com êxito. Foi cansativo? Sim, demais! Porém tudo isso só fortalecia minha concepção de que a educação é um lugar de mudanças, na qual é possível contribuirmos para o avanço dos indivíduos e avançarmos junto com eles. Posto isso, acredito que o ensino e aprendizagem se configuram como um ato de coragem, amor, responsabilidade e muita esperança, assim como destaca Paulo Freire no livro pedagogia da esperança, na edição publicada em 2020.

Entretanto se faz necessário salientar que neste período enfrentávamos um retrocesso no governo federal, pois, justamente no final do ano de 2016 para 2017, estavam ocorrendo vários cortes na educação devido a uma complexa mudança de conjuntura política, social e educacional.

Os(as) professores(as) da URCA estavam em greve, e eu como uma boa militante do movimento estudantil ainda me coloquei à disposição para assumir compromissos com as pautas de luta que ali reivindicávamos, cujo objetivo principal era garantir que tivéssemos uma educação pública, gratuita e de qualidade. Não daríamos um passo atrás, enfrentaríamos todos aqueles que estavam ali para retirar o pouco que havíamos conquistado: o direito do pobre, trabalhadores (as), mulheres, negros e negras, camponeses, LGBTQIA+ de ingressar e permanecer na universidade.

Diante disso, o oitavo semestre foi realizado no mesmo ritmo que cursei o sétimo, a diferença é que nesse momento estávamos de “ressaca” por termos enfrentado uma greve das universidades estaduais no Ceará. Com isso, aulas pareciam ser mais cansativas, o desejo de concluir era imenso, apesar disso, eu já não tinha tanta força para continuar a caminhada, pois,

nessa época enfrentei também um adoecimento mental, e mais uma vez, as professoras que hoje para mim são raras, me ajudaram a não desistir, afirmando que eu deveria derrubar aquela barreira que só me jogava para o retrocesso, e assim eu fiz.

Porém, essas professoras não foram as únicas, tive colegas de sala que me fortaleceram bastante, amigas que seguraram a minha mão, mas sobretudo uma família que enfrentou cada momento comigo, a fim de reconstruir a Luana sonhadora que sempre fui. Não foi nada fácil, mas consegui vencer mais essa luta, e percebi o quanto parecida com águia eu sou, pois sempre busco me refazer mesmo no momento de dor, revivendo a cada instante, cortando tudo aquilo que não me serve mais. Bom, sem lamentações vamos dar continuidade a esta narrativa, uma vez que entendo que essa realidade está presente na vida de tantos outros estudantes, a diferença é que muitos desistem, eu não desisti, mas beirei o precipício de uma graduanda desistente na pedagogia.

Sem delongas, avanço nessa narrativa apresentando que ainda no oitavo semestre participei de um evento chamado Memórias do Baobá, realizado em Fortaleza-CE. Lá participamos de muitos debates, mas teve um que me chamou bastante atenção, relacionado ao ato reza e benzeção realizado por mulheres. Nesse momento, eu me vi totalmente encantada pela temática, até porque sou filha de uma mulher rezadeira. Dessa forma, imediatamente veio à minha mente o estalo de que precisaria mudar o meu projeto de pesquisa. Foi então que propus à minha orientadora falar sobre a educação de mulheres rezadeiras, buscando compreender como elas aprendem e repassam o seu saber. Tudo era novo, tanto para mim quanto para ela, a temática ainda não tinha sido abordada no curso de pedagogia da URCA, e este foi mais um motivo para nos

inserirmos no campo desse estudo, considerado por mim, uma temática bastante relevante.

Passaram-se os dias e concluímos o oitavo semestre (ainda éramos majoritariamente a mesma turma que ingressou na universidade juntos), estávamos muito empolgadas para começar as disciplinas do nono, sendo ele o último que estaríamos cursando, caso tudo caminhasse como almejávamos. O cansaço já estava perdendo espaço para a saudade de estar ali com as colegas, professores(as) e principalmente conectada ao mundo acadêmico, que era cheio de tanta diversidade cultural e social. Mas, o destaque vai para o fato de termos que concluir a monografia e apresentá-la para que então pudéssemos colar grau.

Esse momento era de muita pressão psicológica, parecia que o tempo passava ainda mais rápido, e minha sorte foi o fato de ter apenas duas disciplinas para cursar e a outra seria de orientação e apresentação de monografia, pois já tinha cursado as demais. Porém como havia mudado o tema do meu trabalho tudo se complicou e então eu tinha um grande desafio pela frente, que era fazer a revisão bibliografia sobre o tema das rezadeiras, realizar a pesquisa de campo ouvindo as narrativas dessas mulheres em Crato e escrever a análise relacionadas às suas falas. Foi puxado! Pois, além de ter todo esse estudo para realizar, ainda estava concluindo o estágio na escola EDUCAR-SESC, bem como finalizando a minha participação no PIBID-EJA. No entanto conseguimos concluir mais essa etapa, contudo, ressalto que apresentar aquela pesquisa foi de muito significado para mim, isso porque estava falando de minha própria história, de minhas raízes, sobretudo da sabedoria popular que a meu ver é tão valiosa para nossa construção social e cultural.

Após concluir as disciplinas do curso e apresentar a monografia estava eu aos 22 anos na última etapa da graduação, a colação de grau, que ocorreu em janeiro de 2018, a partir daí passei a pensar como seria minha vida ao sair da universidade. Com isso veio as indagações e eu sempre ficava refletindo como e quando começaria a atuar em escolas da educação básica. Então, surgiu uma oportunidade de me inscrever na seleção para ser professora temporária na cidade de Crato, e consegui ser aprovada. Porém, como toda professora recém-formada tive dificuldade de ocupar esse espaço educacional justamente pelo fato de não ter experiência. O começo sempre é muito difícil para quem está ingressando no mundo do trabalho, por isso devemos aguçar a escuta sensível no intuito de aprender e qualificar as nossas práticas pedagógicas, por meio da interação com os demais profissionais que estão inseridos nas instituições de ensino há mais tempo.

Visto isso, em 2018 passei a atuar na educação infantil e ensino fundamental I, pois essa era a única lotação que tinha destinada para minha vaga. Com isso, comecei a ter experiência no infantil II pela manhã, ao mesmo tempo em que ministrava aulas de inglês e recreação do primeiro ao quarto ano no turno da tarde. Foi desafiador, mas acredito que consegui contribuir de forma positiva na vida dos alunos. Cabe destacar que a teoria adquirida na graduação ajudou em muitas situações, em contrapartida nem tudo tinha sido apresentado ao longo de meu processo formativo, por isso, tive que continuar estudando e pesquisando, buscando sempre exercer a minha função profissional cada vez mais baseadas em ações qualificadas. A verdade, é que na prática o contexto educacional é ainda mais complexo do que podia imaginar enquanto cursava pedagogia, por esta razão me atualizar teoricamente e procurar soluções para as adversidades vivenciadas no dia a dia era simplesmente necessário a todo momento, mas parecia que estávamos

buscando solucionar problemáticas que se mostravam estar muito longes de serem resolvidas.

Em 2019 fiz novamente a seleção no mesmo município, mais uma vez passei e assumi turmas do primeiro ano com aulas de linguagem, códigos e suas tecnologias pela manhã e no turno da tarde atuava no terceiro e quarto ano com a disciplina de matemática, porém, é importante salientar que pouco tivemos contato com os estudos que giram em torno de sua área durante toda a formação em pedagogia, pois só tínhamos cursado uma disciplina de didática da matemática, o que considero algo muito superficial e até mesmo insuficiente para contribuir efetivamente na formação do aluno. Além disso, outro obstáculo era conseguir conciliar as formações que ocorriam em dias diferentes pelo fato de estar atuando em duas áreas distintas, e isso limitava a minha participação nos encontros que ocorriam na secretaria de educação.

Neste ano citado anteriormente eu já tinha noção do que é ser profissional da educação, de quantos problemas existem dentro desse espaço e quantas lacunas ainda estão se apresentando e dificultando o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, me submeti a cursar duas especializações no intuito de voltar a estudar, uma delas era em Gestão Educacional (presencialmente) pela URCA e a outra em Docência da Educação Infantil e dos anos iniciais no Ensino Fundamental I (no formato de Educação a distância-EAD) pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante-FAVENI. Com isso, passei um ano estudando, buscando respostas para o que ainda não tinha compreendido, mesmo depois de cursar pedagogia durante cinco anos. No entanto, a cada disciplina cursada resultava em mais questionamentos sobre as nossas vivências e práticas pedagógicas.

Por conseguinte, no ano de 2020 continuei atuando como professora temporária, porém, agora em uma situação muito mais complexa, pois naquele momento tive que me adaptar à realidade de ser docente no modelo Home office devido estarmos vivenciando a pandemia do COVID-19, período muito dicotômico para educação como um todo, especialmente para o alunado e professorado das instituições públicas. Cabe destacar que esse modelo de educação também não nos foi apresentado durante a graduação, conseqüentemente entender as metodologias ativas e as tecnologias da educação era algo que emergia em nosso dia a dia. Por isso, se fazia necessário saber como lidar com aquela situação tão atípica, mas a realidade é que tivemos que aprender na medida em que exercíamos a nossa função dentro do âmbito escolar.

Logo no início de 2021, aos 25 anos de idade, me efetivei na profissão docente, pois fui convocada no concurso que realizei em 2019 na cidade de Juazeiro do Norte, e assumi turmas do fundamental I. Eu realmente estava muito feliz pelo fato de que agora estaria passando a compor o quadro de servidores municipais do referido município. Entretanto, ressalto que este processo aconteceu ainda no período pandêmico, assim, além de ser tudo muito novo para mim, era também doloroso, pois estava em pânico, com medo do que a pandemia causou em nossas vidas. Ter que ir para escola me deixava aflita, mas eu não podia desistir da minha independência financeira. Assim, a única solução era esperar que conseguíssemos vencer essa fase tão ruim a qual fomos acometidas por uma crise sanitária, econômica, social e educacional.

Ainda em 2021 me submeti pela quarta vez a uma seleção de mestrado na tentativa de conseguir realizar o meu sonho de ser mestra em educação, e mesmo desanimada com a

pandemia e com os retrocessos que tivemos nos últimos anos devido ao desgoverno que tanto massacrou a educação eu consegui passar no Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA. Com isso, em 2022 me matriculei nas disciplinas e iniciei essa nova jornada, conseqüentemente surgiram novos problemas em minha vida, estes nunca deixam de aparecer... A complicação agora era entender como eu iria conseguir conciliar 200 horas de trabalho (no probatório) com as disciplinas que deveria cursar ao longo do ano que por sua vez aconteciam no mesmo horário de trabalho. Bom, depois de muito enfrentamento com a secretaria de educação deu certo conciliar as duas situações, porém foi para mim um ano cansativo ao extremo, pelo fato de ter feito minha lotação em uma turma avaliada pelo Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará-SPAECE para que tivesse minha formação/planejamento no mesmo horário das aulas do mestrado, pois só assim seria possível não ser efetivamente prejudicada.

Além disso, em 2022 nós brasileiros tínhamos a tarefa militante de derrotar o fascismo em nosso país, estávamos nas ruas construindo a luta para garantir que pudéssemos estar vivas. A realidade é que tive que dar conta de imensas cobranças sem apoio da gestão municipal e escolar, alfabetizar alunos no 5º ano devido às lacunas causadas pela pandemia, realizar as leituras obrigatórias de cada disciplina que cursava e ser uma militante assídua. Foi um ano sofrido! Mas, ao final, mesmo estando fisicamente e mentalmente destruída, os resultados ainda sim foram bastante animadores. E agora estou na fase da escrita de minha dissertação cujo tema é voltado para os impactos do fechamento da E.E.I. Dedé Pinheiro, localizada no sítio Currais, zona rural de Crato-CE, tomando por base o contexto comunitário.

Por fim, mas não o finalmente, o ano de 2023 iniciou e junto dele a vida segue nos desafiando, ir além das acomodações que nos são apresentadas se torna algo urgente, com isso as inquietações que giram em torno da pesquisa, da universidade e da educação básica só cresce dentro de mim. Posto isso, estou encerrando o ano de 2023 finalizando o texto da dissertação, com a previsão de defendê-la em fevereiro de 2024. Assim, pretendo concluir o meu mestrado e ingressar no doutorado para que seja possível construir conhecimento e contribuir ainda mais nas discussões acerca da dicotomia existente dentro da minha área de atuação profissional.

Portanto, concluo essa narrativa dizendo que não quero somente conseguir titulação para o meu currículo, mas também contribuir para efetivação de uma educação de qualidade em que todas as pessoas tenham acesso. Quero poder plantar a semente da transformação social em cada lugar em que tenha a marca dos meus passos, quero poder contribuir para o avanço do bem viver de crianças que assim como eu não tiveram a “sorte” de ser herdeira (risos). E assim, quem sabe um dia também possa realizar o sonho de formar professores(as) para atuar na rede básica. Imagina só... seria um ato de resistência ingressar no meio universitário como professora, sendo eu, uma mulher negra, pobre, do campo e filha de agricultores. São sonhos passíveis de se tornarem reais.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. 2^a. ed. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.

BRASIL, MEC/SEF. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

FREIRE, Paulo, R. N. **Educação como prática da liberdade**. 53^o.ed. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2019.

_____. **Pedagogia da esperança**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2020.

PEDAGOGIA: SONHOS E REALIDADES.

Ana Alice de Lima Teodósio

Vamos falar um pouco a respeito da minha vida antes e depois da pedagogia, mas antes, quero me apresentar a vocês.

Eu sou Ana Alice de Lima Teodosio. Assareense, filha de Antônia Cordeiro de Lima Teodosio (Piquena) e José Devaldo Teodosio, os quais são meus maiores tesouros. Ambos são agricultores e sem escolaridade, porém mesmo com todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia, nunca mediram esforços para acompanhar e manter todo processo estudantil meu e de minha irmã mais nova, Silvia Kellen a minha companheira de todas as horas. Sou graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNIJUAZEIRO e atualmente trabalho como Psicopedagoga Clínica de maneira particular e voluntária na Associação Mãos Dadas Por Amor (AMADA), uma associação sem fins lucrativos que surgiu através do desejo de uma mãe com uma filha com deficiência que ao trocar a cadeira de rodas soube da existência de duas crianças também necessitava de uma cadeira para se locomover e a partir dessa demanda veio a vontade de promover algo mais grandioso para melhoria de outras criança que estivessem necessitando de ajuda física e motora. Hoje a AMADA assiste não só crianças, mas também adultos em situações de vulnerabilidade social, em tratamento oncológico e portadores de enfermidades crônicas ou momentâneas. Para que possam chegar as ajudas até essas pessoas a instituição conta com a contribuição de sócios, profissionais como Psicopedagogo, Fisioterapeuta, Psicóloga,

voluntários, além de doações para o bazar que funciona todos os dias na sede da associação. Fazer parte dessa associação faz de mim uma profissional e pessoa completamente realizada. Não posso deixar de citar que sou coordenadora da Catequese Paroquial de minha cidade natal, além de dividir parte do meu tempo para estar com minha família e meus amigos que para mim é algo essencial e a melhor parte da vida.

Em 17 de Maio de 2010 Deus me presenteou com o mais lindo presente que alguém poderia ganhar: meu filho João Pedro, por quem luto todos os dias para ser uma pessoa melhor. Com ele, entendi o real significado da palavra amor, um amor puro e verdadeiro. João Pedro não foi gerado no meu ventre, mas sim no meu coração pois, desde o momento em que soube da sua existência no ventre da sua mãe biológica, a qual morava ao lado de minha casa e sempre tivemos relação de amizade, o meu coração estremecia de tanto amor. E quando chegou ao nosso meio, esse amor só aumentou. Desde do primeiro dia de vida que passava mais tempo na minha casa do que na casa de sua mãe pois parecia se sentir mais tranquilo sem choro quando estava em nossa casa, o tempo foi passando e ele crescendo e se tornando muito apegado ao nosso ambiente familiar, então sua mãe resolveu se mudar para o sítio quando ele estava com 4 anos e ele disse não iria com ela, pois sua casa era a nossa. Com a permissão de Deus e de sua genitora, ele se tornou completamente meu e de minha família, fisicamente e judicialmente. Dez anos se passaram e mais um presente lindo foi enviado para alegrar ainda mais os meus dias: o nascimento da minha sobrinha linda e super inteligente, Manuella, a minha Manu.

Desde a infância sempre tive o desejo de cursar uma faculdade mesmo antes de compreender como seria todo o processo e percurso para realizar essa vontade. Sempre fui aluna

de escola pública. Em 2009 concluí o ensino médio e fiz o meu primeiro vestibular para o curso de História na URCA, pois sempre gostei muito da disciplina, porém não consegui nota suficiente para ser aprovada. Então, comecei a trabalhar e o sonho de cursar logo uma faculdade ficou um pouco adormecido, mas não por muito tempo. Durante o período que fiquei sem iniciar nenhuma graduação, comecei a pesquisar outros cursos e a função de cada um, foi então que passei a ler sobre pedagogia e suas áreas de atuação, iniciando assim um gosto pela mesma. Depois de muito ler a respeito do que é ser pedagogo, realizei então a inscrição para o vestibular e dessa vez sendo aprovada para a turma de 2013.1, iniciando um novo ciclo em minha vida. Costumo dizer que não escolhi a pedagogia e sim a pedagogia que me escolheu.

Para esse novo ciclo foram necessárias muitas mudanças e adequações: trabalho, despesas com transporte, longas viagens diárias até o Crato para assistir às aulas... Enfim, um misto de sentimentos que iam da alegria de iniciar a vida acadêmica ao medo e insegurança de como seria essa nova trajetória da minha vida, porém, com uma única certeza: não desistir jamais.

Então, chegou o tão sonhado momento de uma longa e árdua trajetória acadêmica em busca de um futuro melhor, de uma formação superior. Cada dia vivido durante os cinco longos anos foram únicos, muitas dificuldades vivenciadas, entre elas, ter que conciliar o trabalho e os estudos, pois diferente da maioria dos meus colegas que já trabalhavam em escolas, eu trabalhava como atendente de Farmácia, o que na maioria das vezes tornava muito complicado conciliar horários e para compreender melhor a prática do que era estudado em sala de aula. Por esse motivo, fazia-se necessário estudar ou realizar os trabalhos e atividades durante a madrugada, uma vez que não

dava tempo no decorrer do dia, pois sempre saía do trabalho no horário de ir para faculdade.

Nesse percurso também conheci pessoas maravilhosas, mais que colegas de curso, amigas e amigos que estavam sempre prontos para me apoiar e ajudar quando preciso, onde mantenho um grande carinho e atenção até os dias atuais, mantendo vivos os vínculos de amizade com alguns. A nossa turma foi uma turma muito unida, parceira e que procurava ter uma boa relação com os professores de todas as disciplinas. Tudo para nós era motivo de festa e comemoração: aniversário de um dos colegas, encerramento de disciplina e semestre, enfim, celebrávamos os bons momentos.

Cursar pedagogia sem dúvidas foi uma escolha incrível, onde na verdade costumo dizer que não fui eu quem escolheu pedagogia, mas a pedagogia quem me escolheu, pois a cada aula me encantava e me apaixonava pelo curso e suas diversas possibilidades de atuação. No entanto, desde início da graduação, trazia comigo a certeza de que não queria atuar como professora em sala de aula. Ser pedagoga na minha percepção vai muito além de elaborar um plano de aula e colocar em prática para uma determinada quantidade de alunos; é na verdade, trabalhar a individualidade de cada um, respeitando e conhecendo suas habilidades e limitações, fazendo com que esse indivíduo sintam-se capaz de aprender.

Com isso, foram se passando os semestres cheios de muitos aprendizados e claro, de muitas dificuldades; em alguns momentos, por ter que conciliar trabalho e aulas e em outros, pela problemática trazida das disciplinas e seus conteúdos, pois na maioria das vezes, é preciso muita dedicação e atenção para compreender todos os assuntos abordados pelos professores.

Então, chegamos a um dos períodos mais críticos e temidos por mim: dar início aos estágios e todas suas exigências a serem cumpridas, entre elas horários, dias, locais, duplas, carga horária. Como citei desde o início, além de residir em outra cidade, nesse momento era preciso conciliar trabalho, família, aulas e estágios práticos, tornando o processo mais árduo e desafiador.

Com a participação e vivência do período de estágio pude ter cada vez mais a certeza de não ter interesse em atuar em sala de aula, apesar do contato prático com todo o ambiente pedagógico, desde coordenação, sala de educação infantil e fundamental I ter ocorrido de maneira muito satisfatória, com bastante conhecimento e aprendizado. Ressalto que mesmo com todos os apuros, foram vivenciadas experiências muito significativas para minha vida profissional enquanto pedagoga.

Após o período de conclusão de todos os estágios, começa a se aproximar o término do curso e junto com isso, vem a tão temida monografia e todos seus contextos de aflição, insegurança, cobrança, estudo de autores, tema escolhido, elaboração e por fim, apresentação. Todo esse período de construção do TCC, exigiu bastante dedicação e apoio de algumas pessoas: família, amigos, orientadora e principalmente a minha dedicação e esforço. Porém apesar de parecer algo complexo como sempre ouvi falar pela maioria, para mim foi uma experiência maravilhosa e tranquila, contando com nota máxima na apresentação.

Finalmente, no ano de 2018 chegou a tão sonhada e esperada conclusão. A conclusão de um longo percurso de muito aprendizado e troca de conhecimentos. E junto com a aproximação desse momento surgiam vários questionamentos e

dúvidas, de como seria o pós-curso, se iria conseguir emprego na área, se todo esse esforço e dedicação realmente seriam recompensados em algum momento, um misto de alívio e nervosismo tomava conta do meu coração, tornando-se assim algo com significado singular e repleto de muitas emoções, em especial no dia dedicado para a colação de grau, que foi o momento mais almejado durante toda trajetória acadêmica.

Depois de completa a jornada pedagógica, é chegada a hora de viver o pós vida acadêmica numa sociedade cheia de preconceito e falta de acolhimento com os recém-formados, exigindo uma experiência que só pode ser adquirida com a prática, pois o que foi construído na faculdade foram apenas embasamentos teóricos a serem praticados.

Desse modo, iniciou-se a procura por uma oportunidade de trabalho na área de formação, afinal, acredito ser o desejo de praticamente todos ao concluir a graduação. Em pouco menos de um ano, veio a primeira aprovação em uma seleção para professor de educação infantil em outro município. Um novo ciclo começava em minha vida, dessa vez, como pedagoga e professora, era o momento de colocar em prática todo conteúdo aprendido no processo de formação acadêmica em sala e extra sala de aula.

Com esse novo tempo muitas escolhas e mudanças aconteceram. Em primeiro lugar, pelo fato de ser em outra cidade, sendo necessário estar se deslocando de uma cidade para outra, além do medo vindo da falta de experiência prática com sala de aula, uma vez que este seria o primeiro contato com o universo da educação enquanto docente. Porém, mesmo com as dificuldades e o coração apertado por medo de não dar certo, resolvi aceitar essa oportunidade de conhecer de perto esse

universo escolar e sua realidade, mesmo tendo dentro de mim o pensamento que a sala de aula não seria meu local de atuação enquanto pedagoga a longo prazo.

É certo que vivenciar essa experiência de assumir a primeira turma de infantil II foi simplesmente encantadora e apaixonante. Além de bastante desafiador, por serem crianças muito pequenas e em grande número, exigindo muito planejamento e claro, uma atenção enorme dentro de sala e, apesar do contexto de exigência e responsabilidade serem imensos, sempre procurei me dedicar ao máximo para realizar um trabalho de excelência, de maneira lúdica e cativante aos pequenos, mostrando o quanto é lindo o universo escolar no qual estavam sendo inseridos.

Enquanto assumia a seleção em outro município, ainda no primeiro bimestre, surgiu a oportunidade de lecionar em minha cidade em um colégio particular e, dessa vez, na turma de primeiro ano do fundamental I. Novo desafio e mais uma experiência estava para iniciar, porém, eu precisava escolher entre uma ou outra pois, seria inviável permanecer nos dois ambientes por diversos fatores, em especial, o deslocamento.

Por motivo de praticidade e por ser mais uma experiência, optei por aceitar a nova oportunidade, até porque meu desejo era justamente conhecer todos os ambientes escolares e saber se realmente estava fazendo a escolha certa ou se deveria explorar outros espaços. No segundo bimestre do mesmo ano uma nova proposta surgiu, dessa vez, para uma turma de alfabetização na rede pública do município onde resido.

Ter passado por todas as vivências e práticas dentro dos diversos ambientes escolares foi de grande valia, tanto para o aperfeiçoamento profissional como para ter certeza de que minha realização enquanto profissional ia além da sala de aula, pois objetivo ajudar o indivíduo em suas particularidades de aprendizagem de maneira única e personalizada. Estar em sala de aula também foi muito proveitoso e prazeroso pois, independente de qual seja a área que estou atuando, procuro ser a melhor e fazer tudo com muito amor e dedicação.

No decorrer dessa trajetória comecei a estudar e pesquisar de que forma poderia ampliar e qualificar a metodologia de ensino. Então, dei início ao curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, onde pude me encontrar ao longo das disciplinas da especialização e ter certeza de que era esse tipo de trabalho que eu, enquanto profissional da educação, estava a procura para me sentir realizada e completa.

O curso de especialização durou um ano e nove meses, em razão da pandemia do Coronavírus, onde tivemos uma pequena pausa para a conclusão, pois se fazia necessário realizar os estágios práticos em clínicas e órgãos institucionais. Após a realização dos estágios e todo conhecimento adquirido resolvi investir na atuação de Psicopedagoga Clínica, comprando materiais pedagógicos como: jogos, tintas, folhas, lápis e todos os recursos necessários, além de materiais para divulgação e a procura de um local para realizar os atendimentos.

Após a preparação de todos os itens necessários para iniciar os atendimentos clínicos, chegou a hora de pôr em prática o conhecimento teórico adquirido com os módulos e estudos extras. E, como todo início não é fácil e nos causa medo e insegurança, atender em um consultório não poderia ser em

hipótese alguma diferente afinal, faz parte do processo do novo. Uma nova fase iniciava com o primeiro aprendente e junto com ela o sentimento de gratidão e anseio em poder contribuir, avaliando e intervindo no processo de desenvolvimento de ensino e aprendizagem de maneira investigativa e unificada.

Atualmente, trabalho como Psicopedagoga Clínica, atendendo crianças e adolescentes com as diversas dificuldades e transtornos de aprendizagem, tanto de forma voluntária para aqueles assistidos pela AMADA, trata-se de uma associação sem fins lucrativos, como atendimentos particulares. Em cada estudo de caso, nasce um desafio e um jeito único de avaliar e compreender para chegar ao resultado final do processo de investigação e isso me permitiu envolver-me e me apaixonar pela escolha que fiz. A psicopedagogia sem dúvida foi o complemento que faltava em minha vida profissional.

Como toda profissão exige estar conectada com a atualidade e as mais diversas realidades, vivo em constante construção da aprendizagem e aprimoramento de conhecimentos, estudando, me atualizando por meio de cursos online e presenciais que venham agregar valores e qualidade ao currículo e aos atendimentos. Entre eles estão os cursos de terapeuta ABA (Análise Comportamental Aplicada), curso básico em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Por fim, com a formação acadêmica muitas portas se abriram e muitos caminhos já foram percorridos até o presente momento, tudo de acordo com a permissão de Deus, bastante coragem, determinação e dedicação. Em todas as experiências vividas tive um novo aprendizado e a certeza de que estou no caminho certo. Sinto muito orgulho e realização de tudo que sou e conquistei enquanto pedagoga e psicopedagoga durante essa

trajetória profissional. Aprendi a ser grata e viver cada oportunidade como única e especial, mesmo que em algumas situações as experiências tenham sido frustrantes ou desmotivadoras, é preciso colher algum ensinamento para futuramente não viver a mesma situação. Muitos ainda são os desejos e objetivos a serem alcançados, como montar uma clínica própria, planejada e projetada do meu jeito, onde possa oferecer melhor conforto e comodidade para os meus aprendentes e seus familiares, bem como todos que precisarem os meus serviços, sempre vivendo o presente e focando em um futuro promissor com muito mais reconhecimento e oportunidades no mercado de trabalho.

MEMÓRIAS DE UMA PEDAGOGA

Antonia Eugenia de Oliveira

Olá! Seja bem vindo (a) a uma viagem no tempo por meio dessa narrativa. Irei transpor nestas linhas um pouco da minha história de vida e a minha relação com a Pedagogia. Vamos lá?

Meu nome é Antonia Eugenia de Oliveira, nasci no dia 10 de novembro de 1980, na cidade de Crato-Ceará. Filha de Maria Eunice de Oliveira e José Olifran de Oliveira (*In memoriam*). Eu falo que sou “bendita sois entre os homens”, porque de quatro irmãos, sou a única mulher (risos). Na verdade, quatro, visto que ainda tem meu pai. A vantagem é que às vezes sou mimada. E a desvantagem: época de namoro, um tanto complicado, porque o ciúme reinava (risos). Fui criada numa educação familiar alicerçada nos princípios religiosos, o que contribuiu para minha formação pessoal e profissional. Sou filha de uma ex-professora que era muito querida pelos seus alunos.

Desde pequena sempre gostei de estudar. Para mim ir à escola era motivo de alegria. Quando copiávamos as atividades de casa sempre terminava primeiro e, algumas vezes, já respondia na sala mesmo para sobrar mais tempo para brincar quando chegasse em casa como também ajudar a minha mãe nos afazeres domésticos. Mesmo pequenina já carregava comigo o desejo de ajudar em casa e, ao próximo. Hoje, repasso os valores aprendidos para meu filho na certeza de que, quando somos

verdadeiros e temos um coração bom e generoso, o universo conspira a nosso favor.

Em relação à minha infância, esta não foi tão fácil, apesar de relatar nas linhas iniciais a alegria de ir à escola, dos valores familiares presentes, já que toda família tem suas dificuldades, e com a minha não foi diferente. No entanto, conseguimos superar os conflitos e as limitações quanto às necessidades básicas. Nada nos fez perder nossa fé e esperança de dias melhores. Lembrome que levava para a escola pão com suco artificial sabor uva. Uma delícia para aquela época (risos). Nos dias de hoje, quem gostaria desse lanche diante de tanta oferta e propaganda comercial de outros tipos de comidas e guloseimas? No meu caso, era o que tinha e não reclamava.

Todavia, com a simplicidade e modéstia vivida, sempre tirei bons frutos e buscava aproveitar ao máximo as aulas, evitando conversas paralelas para não ser alvo de reclamação ou de ser chamada a atenção pela professora. Procurava sempre ser disciplinada e pontual com as atividades, horários e, acima de tudo, respeitava a todos (professores, colegas, porteiro, merendeira, secretária, coordenadora, diretora, etc.).

Minha vida escolar teve início aos seis, sete anos de idade (não recordo muito bem) na rede pública de ensino, na cidade de Crato-CE, com um sistema de ensino, embora mais rígido, havia respeito e carinho por parte dos professores e dos alunos.

Anos se passaram e as séries ficaram mais difíceis e, mesmo com dificuldade em algumas matérias, estava perseverante nos estudos, pois sabia que futuramente chegaria a ocupar uma cadeira na Universidade. Entretanto, muita coisa aconteceu e a vida me fez tomar rumos diferentes adiando esse sonho.

Quando terminei o Ensino Médio aos 18 anos de idade, em 1998, decidi casar e também prestar vestibular, porém, não passei. No ano 2000, ingressei em outro Ensino Médio profissionalizante, o antigo Curso Pedagógico, pelo Colégio Estadual Wilson Gonçalves, com mais três anos de aprendizado. Mesmo com uma gravidez complicada e conturbada, continuei estudando e só parei de ir para o colégio quando já estava bem perto de dar à luz. Lembro-me também que os professores eram muito compreensíveis. Alguns deles guardo na memória.

Em 2006, o casamento chegou ao fim devido à violência doméstica e psicológica sofrida me fazendo retornar à casa dos meus pais e seguir a vida com um filho pequeno e sem emprego, pois quando casada não podia trabalhar. Até consegui um trabalho, mas fui obrigada a pedir demissão. Logo, uma separação bastante conturbada com perseguições e ameaças. Felizmente, com o tempo tudo foi acalmando. Certamente em meio a esse caos não teria condições emocionais para passar no que fosse, uma vez que minha mente era sempre atormentada pelo medo das agressões ou então, quando seria a próxima ameaça psicológica.

Como meu pai tinha comércio, passei a ajudá-lo, a cuidar do meu filho, e logo ingressei num cursinho Pré-Vestibular ofertado pelo Colégio Polivalente (Governador Adauto Bezerra) na cidade de Crato-CE, no Bairro Seminário, próximo à minha casa. Um cursinho à época, muito procurado pelos estudantes. Mais um vestibular prestado e dessa vez obtive êxito. Inscrita em três vestibulares no ano de 2009, consegui aprovação em dois: no Curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente Universidade Federal do Cariri (UFCA), e para o curso de Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Daí, percebi que as coisas estavam começando a andar. Então comecei a cursar as duas faculdades

ao mesmo tempo. Sim!! Loucura!! Por isso, deixei a URCA e optei pela UFC. Mal sabia eu que iria ter o privilégio de estar novamente na URCA, cursando Pedagogia.

O motivo da desistência do curso de Ciências Sociais, se deu pela falta de afinidade com os colegas de sala por não sentir que era uma turma unida. E como eu tinha uma rotina corrida com as duas graduações, além de outros afazeres, me vi muitas vezes só no respectivo curso. Acordava às 4:00 horas da manhã para organizar meu filho para que minha mãe o levasse à escola, enquanto estivesse em Juazeiro do Norte-Ce, na primeira graduação e, ao retornar para o Crato por volta das 13:00 horas, já parava em frente à URCA para assistir mais aulas, muitas vezes sem almoço e sem banho. Essa loucura fez com que eu adoecesse dando-me mais um motivo para não cursar as duas. Felizmente, a minha escolha pela Biblioteconomia me rendeu grandes amizades com colegas e professores os quais tenho até hoje.

Concluído o curso de Biblioteconomia, imediatamente decidi fazer uma Pós-graduação que, por coincidência ou providência, iria ser aluna do meu futuro professor do curso de Pedagogia na URCA, da disciplina de Filosofia – Miguel Junior Zacarias Lima (risos). Mais um que cultivei uma amizade e carinho especial. Finalizada a especialização, uma pausa de dois anos da academia para um posterior retorno.

Quase esqueci de mencionar, que em meio a esse turbilhão de acontecimentos, ainda teve a doença de meu pai. Desde o ingresso na Biblioteconomia, em 2009, ele havia adoecido por conta do Diabetes Mellitus, que agravou sua saúde, como problema vascular, amputação dos dedos dos pés, de uma das orelhas, submissão à ponte safena na perna esquerda,

comprometimento visual, que quase o levou à cegueira e, passou pelo tratamento de hemodiálise. Sem contar que contraiu a Covid-19 e, após isso, amputação da perna direita, trombose na esquerda, dentre outros agravantes que o levaram a óbito. Sua vontade de viver era admirável.

Quantas vezes durante as aulas eu saía para ir ao banheiro chorar, porque me doía ver meu pai naquela situação, e como não podia me emocionar na frente dele nem da minha mãe, procurava me manter forte ou fingir para que não percebessem. Então, minha válvula de escape era a Universidade, o banheiro e os amigos.

Até que num dia de crise, por causa de tantos problemas, minha orientadora de monografia à época, e que com o tempo tornou-se minha amiga, viu o estado em que me encontrava e veio conversar comigo, me acalmar, naquela ocasião de insegurança e incerteza. Foram muitas obrigações e responsabilidades assumidas de mãe, de filha, com o comércio do meu pai, uma vez que estava impossibilitado e não tinha mais condições de continuar sua labuta, função a qual ele amava. Era sempre alegre com seus clientes, dialogando com todos. Essa vontade de conversar com as pessoas e de sempre ajudar, acho que herdei dele.

Retomando ao assunto graduação, após as emoções narradas e a pausa mencionada anteriormente quanto aos estudos, finalmente chegou o grande dia do vestibular da URCA para Pedagogia. Quando vi meu nome na lista de aprovados foi gratificante. Mais um sonho realizado. A Pedagogia também me deu vários amigos entre alunos e professores. Aprendi muito com este curso e, com a pandemia da Covid-19, vivi experiências jamais pensadas às quais me renderam momentos

de superação e coragem para enfrentar aquela situação de crise e isolamento social.

Posso dizer que vivi um acontecimento histórico e que, no curso de Pedagogia, todos se uniram num mesmo propósito: ajudar-se mutuamente, especialmente quando recebíamos a notícia de casos de Covid-19 entre nossos colegas. E, mesmo distantes, estávamos mandando energias positivas e orações pela recuperação de todos. Graças a Deus as preces foram atendidas!

Vi também educadores e educandos, buscando soluções para minimizar as dificuldades quanto às aulas, principalmente, no que diz respeito aos estágios supervisionados, sendo mais um desafio a ser enfrentado por todos. Com muita determinação tudo foi se encaixando e as aulas, de forma remota, acontecendo com total engajamento.

Por isso, me orgulho de ter sido aluna desta Universidade, deste curso, pois alimentava em mim um sonho desde criança de cursar uma graduação. Hoje, tenho satisfação em dizer que consegui e que já estou finalizando outra, o curso de Letras, mas esta decidi fazer pela Modalidade de Educação a Distância (EaD), que também tem sido gratificante. Cada dia um novo aprendizado em busca de melhorar meus conhecimentos.

Assim como a Biblioteconomia, a primeira formação acadêmica que me abriu portas para trabalhar nessa área, com a Pedagogia não foi diferente. Dez anos atuando como professora de reforço escolar, atendendo em minha residência, realizando um trabalho individualizado, oferecendo muitas vezes, carinho e amor a estas crianças, este curso oportunizou a ampliação do meu conhecimento para saber lidar com minha profissão, pessoal e espiritual. Vivenciei experiências maravilhosas com os

trabalhos da faculdade, pois sempre que tinha a oportunidade desenvolvia as atividades acadêmicas com meus alunos, significando trocas valiosas de conhecimentos não só para mim como para eles. Era uma verdadeira festa. Ainda hoje, guardo fotografias desses momentos de aprendizado daqueles que não estão mais comigo.

E, como resposta ao cuidado que tenho com as crianças, algumas delas já estão na Universidade, e outras são meus afilhados. Quanta alegria para um professor (a)!!! As sementes um dia plantadas nos corações desses pequeninos contribuíram para a formação de adultos conscientes de seus atos, críticos e reflexivos, participantes na vida em sociedade, com responsabilidade. Coração transborda em saber que fiz e faço parte da história de cada um deles. Frequentemente, ex-alunos passam por mim e me chamam de tia, e sabe o que é melhor? Não sentem vergonha. Raro de se ver...

Já vivi tantas histórias com as minhas crianças nesses anos de professora! Cito aqui alguns exemplos: racismo, aceitação do seu corpo, intolerância religiosa, pedofilia, transtornos de diferentes tipos e graus, maus tratos dos pais com as crianças, violência doméstica, até agressão contra a minha pessoa (aluno em crise), entre tantos outros fatos presenciados. Enfim, cada um com uma história de vida e que felizmente, estava eu ali, para solidarizar, levar uma palavra amiga e de conforto. Não tem como não se emocionar!

Penso que é isso que me faz continuar e enfrentar as adversidades que tenho nessa profissão, por saber que tem tanta criança que precisa de atenção e que, muitas vezes, não tem uma palavra amiga, um apoio de alguém para desabafar. Digo que me tornei muito mais que uma professora de reforço escolar. Sou

psicóloga, terapeuta, mãe, tia... Não reclamo em nenhum momento, e sim, sinto-me parte da vida dessas crianças, adolescentes e adultos.

Não podemos dizer que tudo são flores na vida, que tudo é fácil. De forma alguma. O que conquistamos é sempre com muito esforço. Apesar de tantas situações vividas, contexto familiar difícil - não sou a única no mundo a ter problemas - exalto com louvor tudo o que passei e por estar contando um pouco da minha história.

Pois bem, até aqui nessas breves linhas, se percebe que o vínculo com a educação, especialmente com a Pedagogia, não é de agora. Essa relação já vem desde a minha mãe, quando exercia o Magistério. Acredito que carreguei esse desejo a partir dela. Mesmo com as situações adversas da vida, os sonhos não pararam e aqui estou: pronta para o que a vida tem a oferecer. Se você me perguntar se os sonhos pararam, te respondo que não. Ainda tenho alguns guardados e esses serão cenas para os próximos capítulos (risos).

Desejo que essas linhas narradas possam tocar o coração de algum leitor, e que de fato, perceba que não importa onde estejamos atuando, seja na escola, em comunidades, em sua residência, o que importa é a transformação que irá ser feita na vida de cada criança, ou seja, a nossa parcela de amor gratuito ofertado para o bem delas. Penso eu que ser professor (a) é sinônimo de carinho, afeto, reciprocidade. É, na verdade, troca de saberes, de vida. É vida que se renova, que se doa.

E, como sempre gostei de poesia, oportunidade que a Pedagogia também me deu para explorar alguns trabalhos em forma de cordel, aqui termino esta narrativa com alguns versos.

*Agradeço a oportunidade
De fazer da minha história
Parte de dissertação
De reviver na memória
Fatos por mim vividos
De forma tão simplória*

*Contei com satisfação
Momentos antes vividos
E tenho admiração
Apreço pelos acontecidos
Relembrar é sempre bom
São pontos acrescidos*

*Mal poderia saber
Que iria me encontrar
No curso de Pedagogia
Somente pra reafirmar
Os caminhos que trilhei
E aqui poder falar*

*Agora estes momentos
Não estão só na memória
Registro também nesses versos
Pois faz parte da história
Da força do aprendizado
Esforço, garra e vitória*

*Acrescento a estes versos
Uma singela homenagem
Ao meu querido pai
Eis que fez sua viagem
Após essa produção
Restando só sua imagem*

*Tudo parecia bem
Mas de repente escureceu
O mundo ficou cinzento
Desde que ele morreu
Setes meses de saudade
Dor que não dissolveu*

*Deixo aqui registrado
Com ele minha trajetória
Os dias de luta vividos
Que hoje constrói uma história
Repleta de agradecimento
Mas também de memória*

*Meu saudoso velho pai
A quem eu tanto amava
Dizia também ele me amar
E às vezes até chorava
Não chore amado pai
Era assim que eu falava*

*Espero poder um dia
De novo te encontrar
Dá um abraço apertado
Sem ter hora pra acabar
A saudade dói no peito
Mas do céu vai me guiar
Pois sei que daí do céu
O senhor tá nos cuidando
Pois são tantas as surpresas...
Mais um neto chegando
Inclusive serei eu
Que breve estarei casando*

*Aqui cuidarei de mãe
E do senhor também
Rezando por sua alma
Pra que estejas bem
Só não esqueça da gente
Desse amor que vai além*

UM HOMEM CUJO FEMININO PREVALECE

Francisco Raniel Alves Rodrigues

Acreditamos que narrativas orais ou escritas são fontes de conhecimento e partem da suposição de que todos tem algo a contar. E nunca esse contar é sobre alguém isolado. O indivíduo é uma unidade dentro da coletividade. Assim as narrativas por mais particulares que pareçam ser, unificam-se num grupo. O relato colhido é uma produção de si que o sujeito elabora (Bourdieu apud Preuss 1997) e não uma apresentação de si. A narrar sua história, o sujeito fala do seu contexto, seus processos experimentados e intimamente ligado ao contexto social onde ele esta inserido.

Este livro é composto por sete Narrativas que contam à trajetória que leva a um destino comum a Pedagogia. Sete mulheres, justamente esse número tão rico em misticismo, significados e crenças ao longo da história nas diferentes culturas. Segundo a professora Helena Sousa Melo (2006, p. 15) o número sete está envolvido em vários setores da nossa vida. Esse número desempenha um papel na religião, na ciência, nas artes, na literatura, nos negócios e na educação. Na cultura geral são 7 as maravilhas do mundo, as notas musicais, os dias da semana, as cores do arco-íris. Na tradição da igreja católica são sete os sacramentos. Sete os pecados mortais e as virtudes teologais assim como são sete os dons do Espírito Santo. Encontram-se simbolismos ligados a esse número em todas as religiões. No Judaísmo há os 7 degraus da Perfeição. No Hinduísmo/Budismo há menção dos 7 raios do Sol de Buda. No Islamismo o Alcorão faz alusão aos 7 céus, aos 7 mares, às 7

terras, às 7 divisões do inferno, às 7 portas do paraíso, às 7 palavras da profissão de fé mulçumana etc. Para Pitágoras, matemático e pai da numerologia, o sete é um número perfeito.

Na China, os números ímpares e pares possuem uma polaridade energética: os ímpares são yang, a energia celestial, o masculino, os pares são yin a energia territorial, o feminino. O número 7 para os chineses representa um ciclo completo, ele é um símbolo da mulher, por causa dos ciclos lunares femininos. Nas antigas culturas orientais o número quatro simboliza a Terra e junto ao três que simboliza o Céu, compreende-se que o sete representa uma Totalidade em Movimento ou um Dinamismo Total. É justamente nessa última ideia que desejamos relacionar essas sete mulheres, que completaram seus ciclos na pedagogia e representam uma totalidade que está em movimento.

Com a oportunidade de vivenciar a pedagogia, frequentando diversos semestres nos turnos manhã e noite, já que tinha aproveitado muitas disciplinas e ia adiantando outas cadeiras, ouvi diversos relatos de mulheres, mães, esposas, jovens e adultas que tinham nas suas histórias sempre um enredo de superação tanto de situações familiares como socioeconômicas. Geralmente essas colocações sobre as histórias de vida se davam nas apresentações, nos inícios de semestres, durante alguma dinâmica proposta por algum docente, ou mesmo em rodas de conversas comigo ou mais pessoas. A partir disso surgia a ideia de deixar como Produto Educacional para o Mestrado Profissional em educação um material com Narrativas de egressas da Pedagogia URCA, ouvindo alguns conselhos, vendo as possibilidades, decidimos elaborar esse livro com essas histórias narradas por sete mulheres. São elas: Ana Alice de Lima Teodosio, 34 anos natural de Assaré- CE; Antônia Eugenia de Oliveira, 43 anos natural de Crato-CE; Cícera Cosmo de Souza, 37 Anos natural

do Distrito de Quincuncá em Farias Brito- CE; Francisca Sandra de Sousa, 46 anos, natural de Ipubi- PE; Joice Maria de Sousa, 45 anos, natural de Barbalha-CE; Luana Ricarto da Costa, 27 anos, natural de Ponta da Serra distrito da Cidade do Crato- CE; Veridiane Rosa da Silva, 42 Anos natural de Brejo Santo- CE.

O contato com essas mulheres se deu de variadas formas, Ana Alice foi através de uma atividade da igreja católica no Assaré. Eugênia, pagamos duas cadeiras juntos durante a graduação de pedagogia. Cícera foi minha professora na graduação de pedagogia. Sandra e Luana foram minhas colegas de turma do Mestrado Profissional em Educação. Veridiane era da turma anterior a nossa de mestrado e pagamos juntos uma disciplina optativa. Joice, ouvi falar sobre ela através de uma amiga em comum que ao tomar conhecimento sobre esse projeto pensou em Joice, me passando seu contato. Todas elas cursaram pedagogia na URCA.

A Universidade Regional do Cariri- URCA está localizada na Região Metropolitana do Cariri, com sede da reitoria na cidade de Crato, possui campus em Crato e Juazeiro do Norte e três unidades descentralizadas em Campos Sales, Iguatu e Missão Velha. A URCA atende estudantes dos Estados do Ceará (Principalmente Região do Cariri e Centro Sul), Pernambuco, Piauí e Paraíba. O que contribui diretamente para o crescimento da Região fortemente marcada pelo turismo religioso e com uma grande comunidade acadêmica que alavanca a economia, principalmente da Região Metropolitana do Cariri, que tem como principal cidade Juazeiro do Norte, cidade marcada pelas romarias em torno da figura do padre Cícero, por um forte polo industrial, comercial, Universidades públicas e privadas, etc., que contribuem diretamente para o desenvolvimento socioeconômico desse lugar.

A região é rica em belezas naturais, manifestações culturais e folclóricas. A religiosidade é marcada principalmente pelo catolicismo, é uma região de representativa presença da configuração familiar patriarcal, onde, o machismo revelado predomina nos diferentes espaços de sociabilidade. O ser mulher na nossa sociedade patriarcal, ainda está relacionado à maternidade, a ser esposa, aquela cuidadora do lar, a quem muitas vezes é negado o direito de protagonismo a partir de um lugar de fala. Excluídas de processos históricos e de espaços que se proclamem religiosos. Foi a ela negado na cultura ocidental o direito de fazer parte da história, seu local de fala, continua sendo em parte, subtraído por homens.

Por reconhecer todo esse cerceamento das mulheres na nossa sociedade e ao longo da história, que propomos nesse livro apresentar a partir das narrativas, diferentes histórias do protagonismo feminino de egressas da pedagogia da URCA. Cada capítulo contempla uma narrativa feita por uma pedagoga, graduada pela Pedagogia-URCA. Nessa obra, há uma construção histórica, social e cultural bem heterogênea. Que possibilita identificar os traços que compõe o conjunto cultural de onde falam as narradoras. Localizar e distinguir fatos e versões, compreender a representação simbólica presente nas evocações das personagens, interpretar saberes que subsidiam a vida social e finalmente analisar o conhecimento das experiências de vida, que se entrelaçam pelo fio comum da pedagogia. Entrelaçamentos esses, indispensáveis ao Eu Pedagoga.

Essas mulheres representam tantas outras Franciscas, Anas, Cíceras, Antônias, Rosas, Luanas, Marias, etc. Em cada história de vida aqui apresentada eu vejo minha própria história. Vejo as lutas de minha mãe; vejo a resiliência de minhas irmãs; vejo o amor de minha esposa; e a coragem e a doçura de tantas

mulheres que semearam em mim, através do seu feminino, um homem melhor. A construção desse ser, demandou tempo e confesso que ainda estou em processo, que sinceramente nem sei se um dia concluirei. Peço vênia as Narradoras e ao leitor para contar um pouco da minha história.

Sou o Raniel, tenho 34 anos, Negro, professor, oriundo de família pobre. Sou natural da cidade de Crato no interior do Ceará, na região do Cariri. Graduado em Ciências Sociais e Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri- URCA, na qual estou concluindo o Mestrado Profissional Acadêmico em Educação. A minha história não é muito diferente das histórias de tantos brasileiros, a começar pela figura materna. Minha mãe, de nome Rose Mary Alves Rodrigues conhecida como Rosa era mulher pobre trabalhadora. Mãe solteira, como diz no senso comum, mas, que prefiro chamar de mãe de coragem, que conseguiu criar seus filhos com o amor e a coragem. Minha mãe trabalhava no mercado municipal, na feira da cidade do Crato, como ajudante de cozinha. Para complementar a renda, lavava roupa e engomava para fora de casa. Tal situação exigiu de minha irmã mais velha a quem tenho muita gratidão, assumir a maternidade minha e de minhas outras irmãs.

Tenho um irmão mais velho, o primogênito de minha mãe, com quem não convivi, pois quando nasci ele já havia ido embora com seu pai e sua segunda esposa, para São Paulo. Com esse ex-marido minha mãe teve 3 filhos. As duas meninas ficaram com ela na separação. Depois das duas meninas, mãe gerou a mim e por algum motivo desconhecido ela nunca revelou minha paternidade. Recordo que certa vez ao chegar da escola e perguntar sobre quem era meu pai? Ela respondeu “seu pai sou eu!”. Ela tentou me abortar até o 8º mês de gravidez. E no dia 1º de setembro de 1989 durante uma procissão de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato, sentiu as primeiras

contrações para o meu parto. Vim ao mundo na madrugada do dia 2 de setembro. Após meu nascimento minha mãe teve mais duas filhas, ambas sabem quem são seus pais. Dessa minha última irmã minha mãe falece de parto, 12 dias após o nascimento dela, devido um erro médico que esqueceu material cirúrgico dentro dela, no dia 27 de abril de 1998 mãe falece. Na época eu tinha 8 anos, minha irmã mais velha tinha 18 anos, minha outra irmã 12 anos, a outra 6 anos e a caçula com 12 dias de nascimento. Não tínhamos avós ou parentes próximos. Morávamos numa casa de taipa de 3 pequenos vãos. Não tínhamos geladeira, TV em cores, ou mesmo cama para todos. Perder a nossa mãe era perder literalmente tudo.

Erámos 5 órfãos que só tinha pela frente a incerteza. A bebê, o pai decidiu levar para criá-la. Algo que não fez. Entregou a criança a uma tia dela e nunca mais voltou. O pai das minhas duas irmãs mais velhas veio de São Paulo dias depois para buscá-las para morar com ele e a família que ele tinha. Minha irmã mais velha disse que só iríamos todos. Que a bebê ela tinha deixado o pai levar porque era muito nova e tinha pai. Mas, que eu e minha outra irmã ela não daria a ninguém. Ou íamos todos ou nenhum. Assim o pai dela ligou para sua mulher e contou a situação. Decidiram que nesse caso iríamos todos para São Paulo. E assim aconteceu. Lá com a outra mulher ele tinha 4 filhos dois meninos e duas meninas, além do meu irmão que morava ainda com eles, mas, que brevemente casou-se e foi morar em outra casa. Pouco mais de um ano depois, o pai de minhas irmãs e sua esposa decidiram voltar para o Ceará. Já estando todos aqui no Crato a convivência que nunca foi tranquila, piorou.

Eu e minhas irmãs fomos vítimas de violência física das mais cruéis que uma criança poderia sofrer. Como apanhar de fios, madeira, fivelas de cintos, murros, e até quebrar uma

garrafa de cerveja de vidro na minha cabeça o pai de minhas irmãs quebrou. Houve humilhações e toda forma de abuso por parte da madrasta de minhas irmãs e dos filhos dela. Chegando ao ponto que minha irmã mais velha sentou conosco e perguntou se queríamos ir embora. Todos decidimos sair dali, pois não havia como ficar pior. E assim o fizemos. Fomos morar numa pequena casa de dois pequeníssimos vãos que minha mãe tinha deixado de herança. Já que a casa de nossa mãe o pai de minhas irmãs tinha transformado num bar de onde ele e sua família tirava seu sustento. Ele mandava todo dia duas marmitas, somente para duas filhas dele, no caso minhas irmãs mais velhas. Quanto a mim e minha outra irmã ele dizia não ter obrigação de manter, pois não eramos filhos dele. Mesmo ele se mantendo da herança da nossa mãe.

Não há nada ruim que não possa ficar pior, como diz o dito popular. Numa manhã estávamos dormindo, na nossa pequena casa, quando fomos surpreendidos ainda de madrugada por alguém batendo na porta. Quando abrimos era nosso tio, irmão de mãe que havia chegado foragido de São Paulo. Quando olhou para nossa casa, com apenas uma rede e uma cama de solteiro, um pote de barro e um fogão de lata, ficou perplexo, e ao saber que o pai das minhas irmãs havia transformado a casa da nossa mãe em um bar e se sustentava através dele, perguntou para minha irmã mais velha: “Teu pai não tem vergonha de deixar vocês assim?”. Foi atrás do pai delas e deu até meio dia para ele deixar o bar, herança de nossa mãe, e caso não o fizesse o mataria. Após essa situação esse tio ficou na nossa casa. Minhas irmãs, por medo dele, começaram a dormir na casa de umas pessoas que eram Testemunhas de Jeová e eu por ser homem continuei dormindo na casa, a qual elas retornavam de manhã. Com o tempo, uma das minhas irmãs vai morar em outra cidade para trabalhar. Até que sua avó paterna vem de São Paulo e a leva para morar com ela. Minha irmã mais velha começa a

não vir mais para casa e leva com ela somente a mais nova. Eu fico na casa com meu tio, que também pouco tempo depois vai embora e assim aos 11 anos de idade eu fico numa casa morando absolutamente sozinho. Comia quando algum vizinho dava, vivia de esmolas e caridades. E por incontáveis vezes a fome foi minha companheira diária.

Meu tio que continuava vindo à minha casa apenas para guardar drogas, e por seu envolvimento com coisas ilícitas, foi assassinado tempos depois. Aos 12 anos de idade, cansado e esgotado de toda situação vivida até ali, tive um plano genial: Decidi ir para um local perigoso da cidade, onde as mães aconselhavam os filhos a não irem, pois, era boca de fumo. Pensei comigo, se eu for até lá e um bandido me matar eu vou pro céu e fico com minha mãe! Assim o fiz tarde da noite. As horas passavam e o desespero me batia, não pelo medo de morrer, mas, por me sentir incompetente até para isso. Uma vez que não passava um bandido para me matar. Mais de 11 horas da noite passa uma mulher e pergunta o que eu estava fazendo ali? Respondi que estava pedindo à Deus para passar alguém que me matasse para que eu fosse para onde mãe estava. Ela veio até mim pediu que eu parasse de chorar e fosse para casa. No outro dia começa a transformação da minha vida. Da situação em que pedi a morte, Deus, em quem creio e confio, renovou minhas esperanças. A mulher que me viu à noite, comentou com minha madrinha (de consideração) a situação em que me viu. Minha madrinha mandou me chamar na casa dela e perguntou se eu queria morar com ela? Aceitei e ali as coisas começam a mudar. Agora eu teria um lar, uma rotina, uma cama, alimento, proteção etc.

Por minha madrinha ser mulher muito católica, tínhamos como habito ir à missa todos os dias. Numa dessas missas conheci um Monsenhor, conhecido de minha madrinha e dos

seus filhos. Ela conta minha história ao sacerdote que pronuncia uma frase que eu guardei e que me permitiu dar novos passos, disse ele a minha madrinha: “quando a Senhora não quiser ou não puder mais criar ele, me diga que venho buscá-lo”. Dias depois numa tarde, comecei quase que por intuição divina, a pensar: minha madrinha não tem como bancar meus estudos, vou morar com o Monsenhor! Liguei pra ele, conversei com minha madrinha, que aos prantos pedia para eu ficar. Mesmo assim, fui morar com ele. Terminei o ensino médio. Entrei na universidade. Concluí a licenciatura em Ciências Sociais. Tornei-me professor de Sociologia e Filosofia. Ainda durante os estágios da graduação, conheço minha esposa. Começamos a namorar, noivamos, decidimos fazer outra graduação, ela já era formada em Biologia também pela URCA e era professora. Casamos no dia 31 de dezembro de 2016 às 8 horas da manhã e no dia 16 de março de 2019, vem ao mundo nosso Heitor. Menino esperto, cheio de vida e sabedoria, hoje com quatro anos de idade. Com Minha esposa Ana Carolina e meu filho Heitor alcanço meu maior objetivo de vida que era constituir minha própria família. Eles são a plenitude do amor que se materializa em dois corpos.

Sou um homem cujo feminino prevalece. Sou grato a cada mulher que por mim passou e eternizou-se de alguma forma. Mãe, esposa, irmãs, sogra, amigas, professoras, sobrinhas e a Nossa Senhora, a qual na minha, fé representa todas as virtudes femininas possíveis. E a Deus que para mim é Mãe e não pai. Deus é a maternidade em plenitude, pois é o Supremo do gerar, amar e cuidar. De maneira particular, sou grato a essas sete Narradoras que aceitaram esse desafio de contar suas histórias de vida. Trazendo para o palco das palavras os bastidores das vivências. Sei como esse processo foi sensível a cada uma delas. Essas Narrativas são espelhos espalhados que ao lermos não vemos apenas algo alheio, mas, que refletem

também a nossa própria história. São mulheres de aço e de flores.
São Pedagogas e suas Narrativas!

Referências nesta Introdução

BEAUVOIR, Simone de. – O segundo Sexo: a experiência vivida – volume 2, / Tradução Sérgio Milliet - 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016. (1949/1961). O segundo Sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BORDIEU, P. Apud Preuss, M. R. G. A Abordagem Biográfica – História de Vida – na Pesquisa Psicossociológica In: Revista Série Documenta, ano VI, 1997, n. 8, UFRJ.

Helena Sousa Melo, Correio dos Açores, 7 de Abril de 2016.
Disponível em
https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4013/1/O%20n%C3%B3es%20de%20as%20suas%20ligas%20em%20A7%20C3%B5es_07_04_2016.pdf.

AUTORES

Ana Alice de Lima Teodósio: Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário de Juazeiro do Norte; Terapeuta ABA, através do curso de capacitação e aprimoramento em ABA pela plataforma Kiwify (EAD). Possui o Curso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Cicera Cosmo de Souza: Licenciada em pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Especialista em Educação à Distância pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é docente substituta do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA) e professora do quadro efetivo do Município de Farias Brito- CE.

Antonia Eugenia de Oliveira: Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Foi bolsista de Iniciação Científica pela (URCA). É especialista em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) pela Universidade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).

Atualmente é graduanda em Letras Português/Espanhol pela (FAVENI).

Joice Maria de Souza Ferreira: Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA, especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Kurius – FAK, professora da rede pública, de Juazeiro do Norte, tutora de graduação em Psicopedagogia e Pedagogia, professora de instituição de ensino superior. Foi tutora das disciplinas pedagógicas da graduação em matemática pelo IFCE – Instituto Federal do Ceará. Atualmente é técnica da educação infantil, tem desenvolvido trabalhos relacionados à Educação Inclusiva, afro descendente, movimentos negros e educação popular.

Luana Ricarto da Costa: Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Especialista em Educação pela URCA, Professora da Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte, Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA. Atua no movimento da Resistencia Feminista e na Frente de Mulheres do Cariri; integra o Fórum de Educação do Campo.

Francisca Sandra de Sousa: Graduada em Pedagogia e Matemática pela mesma instituição, com especialização em Libras, Ensino de Matemática, Educação Especial e Musical e Psicopedagogia Clínica e Institucional. É professora efetiva na Secretaria de Educação Básica de Brejo Santo, Ceará, formadora do Eixo de Gestão do Ensino Fundamental, atua como mediadora de leitura e produtora cultural em atividades comunitárias e sociais. Uma das idealizadoras do projeto Memórias do Compra Fiado, onde recolhe, registra e salvaguarda a oralidade das pessoas e do lugar e promove eventos culturais que reaviva a identidade do lugar e de seus

moradores. Sandra Sousa, mulher, camponesa, esposa, mãe, educadora, poetisa, escutante e contante de histórias que ouviu nos terreiros da infância com cheiro de roça, cor de jatobá e sabor de comida plantada e colhida na zona rural de Brejo Santo.

Veridiane Rosa da Silva: Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Possui especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Faz parte da Rede de Contadores de Histórias do Estado do Ceará, através da Escola de Narradores do Cariri. É professora titular I Educação Infantil - Secretaria da Educação Básica de Brejo Santo-Ce. Tem experiência na área de Letras, Docência Multidisciplinar e em trabalhos comunitários/sociais. Além disso, tem experiência na Docência do Ensino Superior através do Instituto de Teologia Filosofia e Educação do Nordeste (ITFENE), Faculdade Juazeiro do Norte (FJN) e Centro de Capacitação de Profissionais da Educação (CECAPE), Juazeiro do Norte-Ce. Atualmente faz parte da equipe de Formadores da Secretaria Municipal de Brejo Santo-CE e é uma das idealizadoras do Projeto Memórias do Compra Fiado.

ORGANIZADORES:

Francisco Raniel Alves Rodrigues: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri e em Pedagogia pela mesma Universidade. É professor celetista de Sociologia, Filosofia e Formação Humana. E mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri.

Maria Dulcineia da Silva Loureiro: Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora do Mestrado profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, filosofia, ensino de filosofia e literatura.

ELEMENTOS DA CAPA

Menina Negra: Representa a maioria das discentes da Pedagogia que se definem como negras ou pardas. Também as autoras dessas narrativas.

Chapada do Araripe: Representa a sede da URCA na Cidade do Crato, onde fica o curso de Pedagogia. Representa também as cidades de origem da Eugenia, Luana e Joice.

Enxada: Representa a origem camponesa de algumas das autoras e a figura dos seus pais agricultores.

Bandolim: Representa a história da Cicera que escolheu trecho da música bandolins de Oswaldo Montenegro para título do seu capítulo.

Pé de Jatobá: Representa o local de origem e os projetos atuais da Sandra e Veridiane.

Ave Patativa: Representa a origem de Ana Alice, natural de Assaré terra do poeta Patativa do Assaré.

Pedra na mão da menina: Representa a história da Sandra e todas as pedras que todas elas tiveram que retirar do caminho.

Livros e óculos: Representa o olhar do Raniel sobre as histórias de vida.

